



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org



ASOCIACIÓN TRANSPERSONAL IBEROAMERICANA

2025
Salvador – Bahia – Brasil



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

APRESENTAÇÃO

A Revista Transdisciplinar é um periódico *on-line* semestral, organizado por Celeste Carneiro e publicado pela Associação Transpessoal Iberoamericana, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas inter-relacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos.

Pautamos esta Revista no pensamento de Basarab Nicolescu e grupo que escreveu a Carta da Transdisciplinaridade (1994), onde esclarece:

A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação que leva

em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a ideias e verdades diferentes das nossas.

E no texto *Educação para o Séc. XXI*, do Relatório Delors (UNESCO, 2006):

Na visão transdisciplinar, há uma transrelação que conecta os quatro pilares do novo sistema de educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser) e tem sua fonte na nossa própria constituição, enquanto seres humanos. Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que é dirigida para a totalidade aberta do ser humano e não apenas para um de seus componentes.

Esperamos contribuir para a difusão do conhecimento com a sabedoria da abertura e da tolerância, aliada ao rigor que dá o ajuste necessário.

Como símbolo, trazemos a Flor da Vida, rico em mistérios estudados desde a mais antiga civilização e que encanta até os nossos dias. Lembra a conexão de todos com o Universo, a semente da vida, a relação do um com o todo, a gênese e o encadeamento dos genes, o que nos une e nos dá vida.

Os textos são de responsabilidade dos autores que deverão encaminhá-los para nossa apreciação já revisados.

Enviar para: cel5zen@gmail.com



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma publicação da Asociación Transpersonal Iberoamericana
www.ati-transpersonal.org

Criação, editoração e coordenação geral

Maria **Celeste Carneiro** dos Santos – Especialista em Arteterapia Junguiana – ASBART 0036/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT 201740 (IJBA – Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólon). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP, 1974). Professora e Supervisora (2007 a 2017) no curso de pós-graduação em Arteterapia do IJBA e nas pós-graduações em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal (Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/Instituto Hólon-BA e PHOENIX – Centro de Desenvolvimento Transpessoal / Universidade Federal de Sergipe). Coordenadora, professora e supervisora na pós-graduação em Arteterapia em Teresina-PI – 2013 a 2015. Escritora e coautora. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e da Associação Luso-brasileira de Transpessoal – ALUBRAT. Presidente da Associação Baiana de Arteterapia (2011 a 2013). Conselheira de Honra da UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia). Membro da ATI – Asociación Transpersonal Iberoamericana. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0119114800261879>



CONSELHO EDITORIAL

Priscila Peixinho Fiorindo

Arteterapeuta ASBART 0129/0514. Doutora em Psicolinguística (Universidade de São Paulo - USP/SP). Mestre em Linguística (USP/SP). Graduada em Letras (Mackenzie/SP). Docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB. Coordenadora do Projeto Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo. Currículo Lattes disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4>

Francesca Freitas

Graduada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSM em 1981. Professora Assistente de Neuroanatomia (EBMSM, 1982 a 2012). Tutora do Departamento de Biomorfologia da EBMSM, 2005 a 2012. Coordenadora do Serviço de Neurofisiologia Clínica do Hospital São Rafael de 1992 a 1998. Atuação em Neurofisiologia Clínica – Eletroneuromiografia.

Sonia Maria Bufarah Tommasi

Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialização em Musicoterapia, em Psicologia Analítica e em Arteterapia. Psicóloga clínica e educacional. Docente em cursos de pós-graduação de Arteterapia, Psicologia Analítica, Psicos-somática, Psicopedagogia, Gerontologia. Presidente fundadora da *Oscip Arte Sem Barreiras*. Vice-Presidente da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT). Membro do Conselho da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Escritora. Organizadora de livros da Vetor Editora: Organizadora, em parceria com Graciela Ormezzano, do livro publicado pela Ed. Paulinas: *Envelhecendo com sabedoria*. Pertencente à Comissão Editorial de Revista Cores da Vida (Goiânia-GO) e Membro Consultivo da Revista de Arteterapia da AA-TESP – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (SP). Conselho Editorial dos Anais da Jornada de Arteterapia e Filosofia. Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Psicologia Analítica e de Arteterapia da UNIPAZ-Goiás. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010212588553393>

Marcus Welby Borges Oliveira

Doutorado (2008) e mestrado (2000) em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1997). Experiência na área de Patologia, Biologia Celular e Imunologia, com ênfase em Imunopatologia, atuando principalmente na Imunopatologia da leishmaniose tegumentar murina. Professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Biointeração da Universidade Federal da Bahia e integra o grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia do Instituto de Ciências da Saúde (UFBA), onde iniciou uma colaboração em projetos nas áreas de imunologia e virologia humana e animal. Atualmente tem demonstrado particular interesse pelas áreas de Psiconeuro-imunologia e Saúde e Espiritualidade, tendo desenvolvido eventos, projetos e estudos nessa área. Co-fundador da REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade. Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde e Espiritualidade da REUPE e das sessões científicas desse grupo. Tem como outras áreas de interesse: Biologia Celular do Câncer e de Células-tronco Tumoriais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9992514942111915>

Pedro Teixeira da Mota

Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (Portugal). Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimientos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavaakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya.

Gildemar Carneiro dos Santos

Doutor em Física, na área de sólitons, pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Métodos Matemáticos da Física, atuando principalmente nos seguintes temas: álgebras bidimensionais, equações diferenciais não lineares associadas a sólitons. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445>

Glícia Conceição Manso Paganotto

Possui mestrado em programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000) e graduação em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1979). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arteterapia, atuando principalmente nos seguintes temas: artetera-

pia, criatividade, linguagem visual, autoconhecimento, educação emocional e saúde mental. Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/6024542661274908>

Román Gonzalvo

Psicólogo transpessoal e doutor em psicologia pela *Universidad Autónoma de Madrid* (Espanha). Fundador do *Journal of Transpersonal Research* e da *Asociación Transpersonal Iberoamericana*. Desde 2006 tem trabalhado e investigado enfermos terminais, ajudando-os a morrer em paz e com boa qualidade de vida. Também trabalha os processos de aprendizagem e transformação interior produzidos nesta última etapa da vida. Suas investigações ocorrem no México, Índia, Papua, Nova Guiné, Zimbábue e Kenia, além do seu labor na Espanha. É professor de psicoterapia transpessoal no *Máster en Psicoterapia del Bienestar Emocional del Instituto Superior de Estudios Psicológicos* (ISEP) de Barcelona e no *Máster en Mindfulness de la Universidad de Zaragoza*. Organiza anualmente as Jornadas de Psicología Transpessoal e Espiritualidade, em Tudela (Navarra). Seus interesses profissionais convergem com seus interesses pessoais: contribuir na criação de um sistema social mais empático, compassivo e altruísta, favorecendo um nível de consciência coletiva que transcenda a limitada identidade egóica individual, e cujo motor seja o amor por tudo o que existe.

Norma de Oliveira Alves

Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe cujo tema da Dissertação foi Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda e Prognóstico Intra-hospitalar. Médica Psiquiatra e Psicanalista transpessoal. Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (1986). Foi diretora Científica da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria e membro do Projeto Freudiano de Aracaju. É membro da Associação Brasileira de Psiquiatria; Membro Fundador da Associação Brasileira de Medicina psicossomática – Regional Aracaju; Fundadora e Diretora Presidente de Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral; Escritora e co-autora. Escreveu os livros:

Psicanálise Transpessoal e Terapia de Vivências Passadas; *Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda – Impacto no Prognóstico Intra-hospitalar*; *Transtornos*

Mentais sob um Novo Prisma. É Conferencista em eventos científicos e comunitários. Coordena os cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal e Pós-graduação em Terapia Regressiva por ATHENAS – Instituto de Educação em parceria com a FACEI – Faculdade Einstein. Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0042503228810827>

Aurino Lima Ferreira

Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil (2007). Mestrado em Psicologia Cognitiva (Conceito CAPES 4), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, (1999). Graduação em Psicologia, Faculdade Frassinetti do Recife, FAFIRE, (1993). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, PE. Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Transpessoal, Positiva e Integral, Psicologia social/comunitária, Educação não-formal, Dinâmica de Grupo, Relações Interpessoais, Fenomenologia (Merleau-Ponty), Sexualidade, Resiliência, Espiritualidade Integral (Ken Wilber), Processos afetivos e interativos na educação, Intervenções psicossociais, Psicologia do Desenvolvimento (infância e adolescência). Escritor e coautor. Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/5402096659543875>

Vera Peceguini Saldanha

Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso-brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e no Exterior. Palestrante e autora de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/1016093168342110>

Ivana Braga de Freitas

Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IB-PEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e*

Dificuldades de Aprendizagem, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora de cursos de pós-graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427495900253997>

Margarete Barbosa Nicolosi Soares

Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre Aquecimento: um processo na prática de linguagens visuais em ateliê. Realizou Pesquisa de Doutorado Sanduiche no Exterior, junto à Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto. Mestre em Artes pela ECA, USP. Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas pela ECA, USP. Pesquisadora do Projeto de Pesquisa Ateliê de Artes para Crianças, no CAP/ECA/USP, desde 2008. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Palavra e Imagem: a incorporação de códigos da escrita em trabalhos de artes visuais, no CAP/ECA/USP, desde 2010. Docente na Licenciatura em Artes Visuais, Pedagogia e Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES. Foi docente conferencista no Departamento de Artes Plásticas da ECA, USP e docente na Universidade Camilo Castelo Branco. Autora de capítulos de livros e artigos sobre arte e educação. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visuavisual.do?id=K4204217D7>.

Luis Lacouture González

Médico cirurgião (Universidad de Concepción – Chile). Psiquiatra de adultos (Universidad de Chile – Santiago de Chile). Médico Geral no Hospital de Calama, II região, Chile. Médico psiquiatra no Serviço de Psiquiatria do Hospital Regional de Antofagasta – II região, Chile. Professor de Psiquiatria na Universidad de Antofagasta. Atualmente trabalha de forma independente no extrasistema, na cidade de Antofagasta – Chile.

Lívia Maria Costa Sousa

Doutoranda e Mestre em Literatura e Cultura pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2014). Atualmente, é graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e professora de Literaturas brasileiras e africanas. Também atua como coordenadora editorial da LEAL Editora e como membro do conselho editorial da revista vinculada a essa editora. Possui experiência em edição, revisão e diagramação de livros e revistas, além de redação publicitária e marketing digital. É escritora e possui vários textos publicados em antologias e revistas literárias. Seu currículo Lattes pode ser acessado através do link:

<http://lattes.cnpq.br/1126574918629874>



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

PARA PUBLICAR

A Revista Transdisciplinar é um periódico semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas interrelacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos, seguindo os parâmetros expressos na Apresentação.

A Revista Transdisciplinar será publicada no primeiro e no segundo semestre de cada ano e os artigos deverão ser enviados com até dois meses de antecedência do semestre a ser publicado.

Os artigos serão avaliados, por ordem de recebimento, por dois membros do Conselho Editorial. Caso haja divergência quanto à aprovação dos mesmos, um terceiro parecer de outro membro do Conselho Editorial será solicitado.

Os textos poderão ter o formato acadêmico ou serem escritos de forma mais livre, desde que em linguagem clara e de acordo com os padrões normativos da Língua Portuguesa. Devem procurar coerência com a proposta da Revista Transdisciplinar.

Se o autor escolher escrever de acordo com as normas acadêmicas, deverá fazê-lo em conformidade com os padrões da ABNT, com resumo, problemática anunciada e desenvolvida, objetivos, metodologia, conclusões e referências. Nas referências, deverão constar apenas as obras citadas no texto.

Os textos que seguirem uma forma mais livre (ou seja, por um estilo que não priorize o rigor acadêmico, podendo valer-se ou não da poesia, mas que também possibilite a exposição do pensamento com fluidez, clareza, coerência e consistência), se fizerem uso de citações diretas ou indiretas, devem também listar essas referências ao final, de acordo com as normas da ABNT. Entretanto, caso o autor queira também indicar livros e sites que não fazem parte do texto, mas que são complementares a ele, pode fazê-lo anunciando após as referências o item “*Para saber mais*”.

Os artigos não precisam ser inéditos, desde que seja explicitada a fonte original de sua publicação. Preferencialmente os artigos estarão no idioma Português, mas eventualmente outros idiomas poderão ser aceitos.

Cada artigo deverá ter, a partir do 2º semestre de 2025, no máximo, 12 páginas (incluindo as notas de pé de página e as referências) e deverá ser enviado aberto em *Word*, escrito em fonte Arial, tamanho 11, seguindo um espaçamento simples e obedecendo as margens superior e inferior de 2 cm, esquerda e direita 2 cm. Deve constar um minicurrículo com até 60 palavras e, caso deseje, um e-mail ou telefone para contato.

Os artigos deverão ser encaminhados já revisados para o e-mail: cel5zen@gmail.com



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

CONTATO



Endereço postal da Revista:

Celeste Carneiro

CINDEP – Centro Integrado de Desenvolvimento Pessoal

Centro Odonto Médico Henri Dunant
 Rua Agnelo Brito, 187 sala 107
 Federação (Garibaldi)
 CEP 40210-245 – Salvador – Bahia – Brasil

CONTATO PRINCIPAL

Celeste Carneiro

ASBART 0036/0906 / ALUBRAT 201740
 Telefone: +55 71 - 98874-1155
cel5zen@gmail.com
www.artezen.org
 ou
gildemar@ufba.br

PARCERIA

ENTIDAD EDITORIAL



**ASOCIACIÓN TRANSPERSONAL
IBEROAMERICANA**

C/ Andrés Mellado, 65.

28015 Madrid, Spain

www.ati-transpersonal.org

ATI - Asociación Transpersonal Iberoamericana es una organización internacional, sin afiliación política, laica, y sin ánimo de lucro, que busca representar a la comunidad transpersonal de los países constituyentes de Latinoamérica y la Península Ibérica, dedicada a promover, de forma teórica y práctica, la visión transpersonal en los ámbitos académicos, de investigación, educación, salud, desarrollo personal, social y ambiental.

Pretende fomentar el conocimiento y aplicación de la psicología transpersonal (origen de la disciplina) en diferentes ámbitos del saber como son: la psicología, la filosofía, la epistemología, la medicina, la antropología, la espiritualidad, el arte, la física, la política, la farmacología, la educación, la ecología y la economía.

La Asociación Transpersonal Iberoamericana (ATI) fue inscrita en el Registro Nacional de Asociaciones del Ministerio del Interior (España) el 25 de marzo de 2015.

<https://www.ati-transpersonal.org/es>



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Vol. 26 - Ano 13 - Nº 26 – 2º semestre/2025
 ISSN 2317-8612

ÍNDICE

- | | |
|---|--------------|
| 1 – CONGRESSO INTERNACIONAL TRANSPESSOAL - Natal (RN), 2025 | p. 10 |
| Vera Saldanha, Luiz Carlos Garcia, Débora Diógenes, Manoel Simão, Naira Tatsu | |
| 2 – A TRAJETÓRIA DE UM DOENTE E A MUDANÇA DESEJADA | p. 19 |
| Aureo Augusto | |
| 3 – RESENHA SOBRE AVANÇO NA MEDICINA INTEGRATIVA | p. 23 |
| VOLUME 12, EDIÇÃO 3, SETEMBRO DE 2025, 100502 | |
| Célia Maria Carneiro dos Santos | |
| 4 – A CONSTRUÇÃO DAS PAIXÕES NA OBRA AUDIOVISUAL DE | p. 26 |
| LAURA PAUSINI: Uma Análise Semiótica e Psicanalítica | |
| Isabella Sozza, M A | |
| 5 – MANDALAS – A ARTE DE CENTRAR-SE - O LIVRO | p. 34 |
| Celeste Carneiro | |
| 6 – FOTOGRAFIAS: A Sensibilidade no olhar | p. 37 |
| Gilmar Carneiro | |
| 7 – O SAGRADO | p. 41 |
| Poemas de Dom Hélder Câmara e de São Francisco de Assis | |

Capa: Nossa capa homenageia o **CONGRESSO INTERNACIONAL TRANSPESSOAL** que acontecerá em Natal-RN de 3 a 5 de outubro deste ano.

A arte, realizada pelo designer gráfico André Marinho, de Recife-PE, embelezou a divulgação deste evento.

@andre_marinho_design_arte



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

1 – CONGRESSO INTERNACIONAL TRANSPESSOAL Natal (RN), 2025

Vera Saldanha, Luiz Carlos Garcia,
 Débora Diógenes, Manoel Simão, Naira Tatsu

ESPIRITUALIDADE E ESPERANÇA: DA CHAMA INTERIOR AOS CAMINHOS DE RE- ALIZAÇÃO

Entre os dias 3 e 5 de outubro de 2025, a cidade de Natal (RN) será o cenário de um dos maiores encontros da área na América Latina: o **Congresso Internacional Transpessoal**. Com o tema **“Espiritualidade e Esperança: da Chama Interior aos Caminhos de Realização”**, o evento propõe uma jornada profunda que entrelaça ciência, consciência e práticas transformadoras.

Mais do que uma programação, o congresso se configura como um campo de experiência — um espaço seguro e acolhedor para refletir, vivenciar e expandir horizontes. Serão mais de 30 horas de atividades, incluindo palestras, mesas-redondas, oficinas e vivências, conduzidas por especialistas nacionais e internacionais.

O encontro reúne profissionais, acadêmicos e interessados em abordagens integrativas, promovendo diálogos que atravessam fronteiras disciplinares e convidam à construção de novos sentidos para o cuidado, o auto-conhecimento e a transformação pessoal e coletiva.

Colóquio na UFRN: debates e apresentações científicas

Nos dias **01 e 02 de outubro**, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) será palco de um colóquio especial que se integra à programação do Congresso, ampliando os espaços de diálogo e troca de saberes entre diferentes áreas do conhecimento. O

evento contará com palestras temáticas, apresentações de trabalhos científicos e mesas de discussão, reunindo acadêmicos, pesquisadores e profissionais vinculados a entidades acadêmicas de diversas regiões do país.

A proposta do colóquio é fortalecer a articulação entre teoria e prática, promovendo reflexões críticas sobre os desafios contemporâneos enfrentados pelas comunidades científicas e profissionais. Os trabalhos apresentados serão de autoria dos próprios participantes do Congresso, o que reforça o caráter colaborativo e interdisciplinar da iniciativa.

Além de contribuir para a difusão do conhecimento produzido nas universidades e centros de pesquisa, o colóquio busca estimular o engajamento de novos pesquisadores e fomentar parcerias institucionais. A programação completa será divulgada em breve, com detalhes sobre os temas das palestras, os horários das sessões e os convidados confirmados.

Por que um congresso transpessoal agora

A Psicologia Transpessoal, reconhecida como quarta força ao lado da psicanálise, do behaviorismo e da humanista, investiga estados saudáveis do ser, acolhe estados ampliados de consciência e integra corpo, mente e espírito como dimensões legítimas do desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, congresso não é só um evento científico: é espaço de vivência, troca e inspiração coletiva.

Em Natal, pesquisadores, psicólogos, terapeutas, educadores, estudantes e público interessado se reúnem para partilhar saberes e

experiências que atravessam consultórios, escolas, territórios e políticas de cuidado:

- *Terapeutas, psicólogos e profissionais do desenvolvimento humano*: atualização técnica; protocolos de acolhimento e integração de experiências intensas; práticas contemplativas para a clínica; redes de supervisão.
- *Educadores e equipes escolares*: metodologias para atenção e presença; currículos que cultivam interioridade, propósito e cidadania.
- *Profissionais de saúde e gestores públicos*: interfaces entre evidências, espiritualidade e cuidado em rede; foco comunitário e inclusão.
- *Estudantes e interessados*: porta de entrada qualificada para um campo inovador, com vivências que ampliam consciência sem abrir mão de método.
- *Para todos que desejam auto-conhecimento e aprimoramento pessoal*.

Para todos os participantes, este congresso é fonte de atualização, mas também de inspiração pessoal. Cada vivência é convite para revisitar as próprias crenças, valores e propósitos. Para estudantes e curiosos, é chance de conhecer um campo inovador da psicologia e experimentar práticas que ampliam consciência.

No fim, todos saem tocados: uns com novas ferramentas para a clínica, outros com ideias para a educação ou projetos sociais, e todos com a *Chama da Esperança* renovada.

Quem Realiza

Esta edição nasce da união entre a Associação Luso-Brasileira de Transpessoal (ALUBRAT) e a Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino em Psicologia Transpessoal (ABRAPET). São entidades sem fins lucrativos, dedicadas à formação, à pesquisa e à organização de encontros que fortalecem a abordagem transpessoal no Brasil.

A ALUBRAT realizou **12 congressos internacionais** alternando entre Brasil e Portugal. A ABRAPET realizou **8 congressos**, sendo 3 internacionais e os demais nacionais.

Em parceria, somam a experiência de **20 congressos** que sustenta o projeto de Natal/RN.

Congressos da ALUBRAT e Parceiros

Desde 1997 a Associação Luso-Brasileira de Transpessoal (ALUBRAT) vem promovendo Congressos Internacionais de Psicologia Transpessoal, ora no Brasil, ora em Portugal, consolidando o movimento e fortalecendo a comunidade científica.

O marco inaugural da série de Congressos Internacionais de Psicologia Transpessoal promovidos pela Associação Luso-Brasileira de Transpessoal (ALUBRAT) ocorreu em 1997, em Águas de Lindóia, São Paulo, com o tema “*O século XXI será holístico ou não será*”. Realizado em parceria com a UNIPAZ, o evento contou com a participação de renomados palestrantes internacionais, entre os quais se destacam Amit Goswami, Stanislav Grof, Jean-Yves Leloup, Pierre Weil e Stanley Krippner.

Em 1999, o II Congresso ocorreu em Peniche, Portugal, sob o tema “*Equilíbrio, Transmutação, Transformação*”, reunindo palestrantes como Vítor Rodrigues, Mário Simões, Pedro Veiginha, Pierre Weil e Vera Saldanha, entre outros, sendo realizado pela ALUBRAT Portugal.

O III Congresso, realizado em 2001 em Campinas, São Paulo, abordou “*Psicologia Transpessoal: Ciência e Aplicação no Terceiro Milênio*”. Entre os palestrantes estavam Harbans Lal Arora, Pierre Weil, Mário Simões, Leila Rocha, Antonio Dorneles e Vera Saldanha, sob a realização da ALUBRAT.

Em 2003, o IV Congresso ocorreu em Cascais, Portugal, com o tema “*Ecologia da Consciência – da Harmonia Interna à Reconciliação Planetária*”. Destacaram-se como palestrantes Marc Alain De Camp, Pierre Weil, Roger Woolger, Vera Saldanha, Rita Macieira e Manoel Simão, realizado pela ALUBRAT Portugal.

O V Congresso aconteceu em Campinas, São Paulo, em 2005, com o tema “*Consciência, a outra face... despertar para a Vida*”, contando com a participação de David Lukoff, Roger Woolger, Jean-Yves Leloup, Pierre Weil e Roberto Crema, entre outros, organizado pela ALUBRAT em parceria com a UNIPAZ.

O VI Congresso, promovido em Évora, Portugal, em 2008, tratou de “*Mitos e Arquétipos: uma Visão Transpessoal*”, com palestrantes como Mário Simões, Pedro Veiginha e Vítor

Rodrigues, sob a realização da ALUBRAT Portugal.

Em 2010, o VII Congresso ocorreu em Águas de Lindóia, SP, tendo como tema “*Felicidade Autêntica*”. Entre os palestrantes estiveram Dan Milman, Roger Woolger, Amit Goswami, Jean-Yves Leloup e Susan Andrews, sendo organizado pela ALUBRAT em parceria com a UNIPAZ.

O VIII Congresso realizou-se em Lisboa, Portugal, em 2012, com o tema “*Percursos da Consciência: Esperança, Transformação e Infinito*”, contando com palestrantes como Les Lancaster, Pedro Frande, Sueli Meireles, Maria Flávia de Monsaraz e Helena Marujo, sob a coordenação da ALUBRAT Portugal.

Em 2015, o IX Congresso ocorreu em Salvador, Bahia, tendo como tema “*Florescer da Consciência*”. Participaram Harris Friedman, Les Lancaster, David Lukoff, Jean-Yves Leloup e Padre Domingos Cunha, entre outros, sob a realização da ALUBRAT em parceria com o Instituto Hólon.

O X Congresso aconteceu em Tomar, Portugal, em 2017, abordando o tema “*Espiritualidade: Ciência e Vivência*”, com a presença de Steve Taylor, Mário Resende, Pier Luigi Lattuada, Rosemarie Anderson e Maria Cristina Barros, organizado pela ALUBRAT Portugal.

Por fim, o XI Congresso, realizado em Goiânia, Goiás, em 2019, tratou de “*Felicidade e Espiritualidade*”, reunindo palestrantes como Jean-Yves Leloup, Basarab Nicolescu, Fritjof Capra, Stanley Krippner e Roberto Crema, entre outros, organizado pela ALUBRAT em parceria com a UNIPAZ.

Congressos da ABRAPET e Parceiros

Em maio de 2011, a ABRAPET realizou o 1º Colóquio Brasileiro de Pesquisa em Psicologia Transpessoal na cidade de Natal/RN. O evento aconteceu na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade de Fortaleza (Unifor) e a Universidade de Lyon II (França).

Em 2013 realizou seu encontro anual no 8º Congresso Norte e Nordeste de Psicologia (Conpsi), importante evento da Psicologia brasileira. Nele, foram apresentados diversos trabalhos e mesas-redondas sobre Psicologia Transpessoal.

Em 2015 e 2018, pesquisadores que trabalhavam desde os anos 1990 com a Psicologia

Transpessoal junto às periferias brasileiras passaram a provocar o campo, no intuito de inclusão de perspectivas mais participativas, na leitura do fenômeno transpessoal. Pesquisas no âmbito da espiritualidade e transpessoalidade avançaram com o propósito de problematizar e apontar pautas de enfrentamento das adversidades sociais e ambientais, que marcam nossa atualidade.

Somando seis congressos nacionais, somou-se a experiência de um congresso internacional em 2019, com o 2º Simpósio Internacional de Psicologia Transpessoal, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal/RN, organizado em parceria com a UFRN e UFPE.

BASTIDORES: DE ASSIS (ITÁLIA) A NATAL (BRASIL)

O sonho ganhou forma em março de 2024, em Assis, na Itália, diante da imagem de São Francisco. Foi ali que Débora Diógenes (ABRAPET) e Roman Gonzalvo (Presidente da Associação Iberoamericana de Transpessoal) vislumbraram a realização de um congresso capaz de despertar nas pessoas uma visão de mundo sob a ótica transpessoal — uma perspectiva profundamente humana e espiritual, como a vivida por São Francisco. Uma visão de amor, de espiritualidade, de serviço, de compaixão, de igualdade, de doação, de expansão da consciência.

Francisco passou por uma profunda crise de emergência espiritual, atravessando um intenso processo de morte e renascimento psicológico do Ego, que o conduziu a um despertar psicoespiritual. Seu exemplo nos inspira a buscar esse mesmo despertar: acender uma pequena chama em cada ser, para que encontre seu próprio caminho de realização. Esse é o nosso maior propósito.

Três meses depois, uma conversa com Luiz Carlos Garcia e Vera Saldanha — referências na abordagem transpessoal e idealizadores de onze congressos realizados no Brasil e em Portugal — reacendeu de vez essa chama. Surgiu então a proposta de que o 12º Congresso Internacional da ALUBRAT acontecesse em Natal (RN), em um período que incluísse o dia 4 de outubro, data dedicada a São Francisco de Assis. Ao chamado desse desafio, uniram-se Kaywan Bentzen, Manoel Simão, Naira Tatsu e Jonatan dos Santos, formando o círculo de sustentação dessa grande empreitada.

A figura de São Francisco convoca à Unidade do Ser biopsicossociocultural e espiritual. Com esse arquétipo como guia, o congresso abraça temas como saúde, educação, ecologia, decolonização, inteligência artificial, saúde mental, expansão da consciência e espiritualidade — um convite para renascer para um olhar mais amplo e desperto, em uma cidade cujo próprio nome evoca nascimento.

Assim, o 12º Congresso Internacional da ALUBRAT se ergue como um espaço de encontro, escuta e transformação, guiado pelo tema: *Espiritualidade e Esperança: da Chama Interior aos Caminhos de Realização*. Um chamado à reconexão com o sagrado, à coragem de viver com propósito e à construção de uma nova consciência coletiva, inspirada na luz que cada ser carrega dentro de si.

Por que Natal/RN foi escolhida como sede do congresso?

A escolha de Natal como sede do 12º Congresso Internacional da ALUBRAT não foi apenas estratégica — foi profundamente simbólica e coerente com o espírito do evento. A cidade carrega em seu nome o significado de nascimento, renascimento, origem. E justamente por isso, após os desafios e transformações vividos durante a pandemia, Natal se apresenta como o lugar ideal para acolher um novo ciclo: um reencontro com a espiritualidade, a esperança e a chama interior que nos conduz aos caminhos de realização.

Mas além do simbolismo, Natal possui uma trajetória sólida e pioneira na Psicologia Transpessoal. A cidade já sediou **oito congressos de Psicologia Transpessoal**, incluindo **dois internacionais**, e foi palco da criação de importantes instituições que sustentam e expandem esse campo no Brasil:

- ANPPT – Associação Nortero-grandense de Psicologia Transpessoal
- RETRANS – Rede Nordestina de Psicologia Transpessoal
- CBPSITRAN – Colóquio Brasileiro de Psicologia Transpessoal
- ABRAPET – Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino em Psicologia Transpessoal

A ABRAPET, presidida pelo Dr. Aurino Lima e pelo Dr. Marlos Bezerra — ambos pro-

fessores titulados na UFPE e UFRN e expoentes na publicação científica em Psicologia Transpessoal — tem sido uma força propulsora na legitimação da abordagem transpessoal no Brasil. Com uma proposta decolonialista e um compromisso com trabalhos sociais de grande impacto, a associação tem promovido cursos, pesquisas e ações que reverberam por todo o país.

A **Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)** também desempenha papel fundamental nessa história. Foi uma das primeiras instituições a incluir a disciplina de Psicologia Transpessoal em sua grade curricular e a oferecer estágio supervisionado na área, sob a orientação da professora Dra. Fátima Tavares. Desde 2002, Natal abriga o curso de pós-graduação em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal, reconhecido pelo MEC e realizado no Espaço Renascer, sob coordenação e docência de Débora Diógenes, em parceria com a ABRAPET e a UNITÁ — curso que já formou mais de **300 profissionais** ao longo de 22 anos.

O Nordeste como um todo tem se consolidado como um celeiro da Psicologia Transpessoal, com nomes de referência como o Dr. Gerardo Campana Neto (Alagoas), o Dr. André Luís Peixinho (Bahia), criador dos cursos de Psicologia e Psicoterapia Transpessoal, com a Chancela da Fundação para Desenvolvimento das Ciências e da Escola de Medicina e Saúde Pública, reconhecidos pelo MEC, desde o ano 2000; a Dra. Norma Alves (Sergipe), coordenadora dos cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal desde março de 2004 em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Sergipe e Phoenix – Instituto de Desenvolvimento Transpessoal, e, a partir de 2019 fez parceria com a Faculdade UNIAHNA (BA) e Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral, assim como com a Faculdade Einstein (BA) onde ofereceu o I Curso de Pós-Graduação em Terapia Regressiva, de novembro de 2015 a novembro de 2017; trouxe o psicólogo holandês Hans TenDam, autor do livro **Cura Profunda** (1997) para cursos de Terapia Regressiva em Aracaju, em parceria com o Instituto Martha Mendes; realizou Jornadas de Psicologia Transpessoal, Saúde Mental e Transcendência, sempre com grande público.

Acrescentamos a psicóloga Aidda Pustilnik (formada pela Universidade Federal da Bahia), co-fundadora da Dinâmica Energética do Psiquismo – DEP (em 1997), junto com Theda

Basso, hoje com sede em São Paulo, Salvador, Brasília, Fortaleza, Maceió e Belo Horizonte; Celeste Carneiro, Arteterapeuta e especialista em Psicologia Transpessoal, criadora dos cursos *Criatividade e Cérebro – um jeito de fazer Artezen* e *Mandalas – a Arte de Centrar-se*, com livros sobre esses temas, e outros; lecionou nos cursos de Transpessoal criados pelo Dr. André Luís Peixinho e pela Dra. Norma Alves; foi professora nos cursos de Arteterapia no Instituto Junguiano da Bahia por dez anos, levando a visão da Psicologia Transpessoal por onde passou; criadora da Revista Transdisciplinar, em 2013, considerada a única no idioma português que publica sobre psicologia Transpessoal. Criou também, neste segundo semestre de 2025 a Editora Transdisciplinar.

A realização do congresso em Natal é, portanto, um reconhecimento da força, da história e da potência que o Nordeste brasileiro desenvolveu no campo transpessoal. É também uma oportunidade para que pessoas de todo o Brasil e do mundo conheçam esse legado, construído por profissionais que dedicaram suas vidas à Psicologia Transpessoal e que, com coragem e amor, ajudaram a legitimá-la como uma abordagem transformadora e essencial.

Natal: paisagem, cultura e alma potiguar

Além de sua relevância acadêmica e espiritual, Natal oferece uma geografia e cultura que acolhem o congresso com beleza e profundidade. A cidade é marcada por **dunas douradas, via costeira deslumbrante, fortes históricos, fragmentos da Mata Atlântica**, e uma **gastronomia rica e autêntica**, que se mistura ao **artesanato vibrante** e à força criativa do povo potiguar.

A paisagem convida ao descanso do corpo e à abertura do olhar. É o cenário perfeito para um encontro que fala de consciência, cuidado e comunidade — e que honra a potência cultural, espiritual e humana do Nordeste brasileiro.

Este congresso será mais do que um evento — será uma celebração, um marco, um novo nascimento para a Psicologia Transpessoal no Brasil e no mundo.

Congregar a força transpessoal no solo fértil do Nordeste

Agora é o momento de reunir, celebrar e expandir a força da Psicologia Transpessoal no Nordeste brasileiro — uma região que, ao longo das últimas décadas, tem sido berço de iniciativas transformadoras, encontros memoráveis e formações pioneiras.

Natal/RN, em especial, desponta como um verdadeiro celeiro da Psicologia Transpessoal. A cidade já sediou oito congressos transpessoais, sendo três deles internacionais, e desses encontros brotaram sementes que floresceram em instituições fundamentais para o fortalecimento da abordagem no país:

- Associação Norte-Riograndense de Psicologia Transpessoal (ANPPT)
- Rede Nordestina de Psicologia Transpessoal (RETRANS)
- Colóquio Brasileiro de Psicologia Transpessoal (CBPSITRAN)

A ABRAPET — Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino em Psicologia Transpessoal — consolidou-se como referência nacional e internacional, especialmente sob a liderança de Dr. Aurino Lima e Dr. Marlos Bezerra (UFPE/UFRN), expoentes do movimento transpessoal decolonial no Nordeste, com trabalhos sociais de grande alcance e impacto humano.

A força transpessoal nordestina se estende por outros estados, com nomes de destaque como Dr. Gerardo Campana Neto (Alagoas) e Dra. Norma Alves (Sergipe), psiquiatras que atuam com profundidade e compromisso no campo Transpessoal, assim como o Dr. André Luís Peixinho (Bahia) (*in memória*), médico, psicólogo, doutor em educação e grande divulgador da Transpessoal por longos anos.

Recife/PE foi, por muitos anos, sede de cursos de formação com mestres como Dr. Léo Matos, Salete Menezes e Eliege Brandão. Atualmente, a cidade abriga uma pós-graduação em Psicologia Transpessoal coordenada pela ABRAPET, certificada pelo MEC por meio da instituição UNITÁ, sob a liderança do Prof. Dr. Sidney Silva.

Em Natal, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) foi uma das primeiras a incluir a disciplina de Psicologia Transpessoal e a ofertar estágio supervisionado na área, com a atuação pioneira da Dra. Fátima

Tavares. Desde 2002, a cidade mantém um curso de pós-graduação em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal, reconhecido pelo MEC, em parceria com a ABRAPET e a UNITÁ — formação que já qualificou mais de 300 profissionais ao longo de 22 anos.

Esse solo fértil se estende por todo o Nordeste, com formações realizadas em Fortaleza/CE, São Luís/MA, Teresina/PI com Vera Saldanha, e em Salvador/BA com André Peixinho — nomes que contribuíram intensamente para a expansão da abordagem transpessoal na região.

Nas demais regiões do Brasil, o apoio da ALUBRAT e do Instituto Vera Saldanha marcou o pioneirismo na formação e na pós-graduação em Psicologia Transpessoal em cidades como Porto Velho/RO e Belém/PA (região Norte), Brasília /DF (Centro-Oeste), Curitiba/PR, Florianópolis/SC, Porto Alegre/RS (Sul), e São Paulo/SP, Campinas/SP (Sudeste).

Agora, mais do que nunca, é tempo de congregar essa força no Nordeste — terra de raízes profundas, de saberes ancestrais e de uma espiritualidade viva. É o momento de reconhecer e honrar as realizações que brotaram desse chão, e de impulsionar novas iniciativas que continuarão a legitimar e expandir a Psicologia Transpessoal no Brasil e no mundo.

TEMÁTICA DO CONGRESSO

Espiritualidade e Esperança — da Chama Interior aos Caminhos de Realização

Na definição do tema do congresso, foram escolhidas duas forças essenciais: Espiritualidade e Esperança. A Espiritualidade é compreendida como a chama interior — uma energia vital que ilumina, aquece e orienta, presente na natureza, na arte, na escuta e no silêncio. Ela não se limita à religião, mas se manifesta como amor, transcendência e saúde integral. A Esperança, por sua vez, é o impulso que transforma sentido em ação. Inspirada pela Logoterapia, Psicologia Positiva e Humanista, ela é vista como força ética, capacidade de resiliência e visão de futuro. É a ponte entre o sofrimento e o propósito, entre o sonho e a realização. E é na prática que esses conceitos ganham vida. O congresso se estrutura em eixos temáticos que traduzem essa proposta: cuidado clínico, saúde comunitária, educação integral e pesquisa transdisciplinar.

Nesse sentido, Espiritualidade e Esperança se tornam caminhos reais de transformação.

Espiritualidade: a chama interior

Espiritualidade e Esperança: da Chama Interior aos Caminhos de Realização

No tema central, a Espiritualidade aparece como a “chama interior”. Essa metáfora traduz a ideia de um fogo vital, que aquece, ilumina e guia. Espiritualidade aqui não é religião, mas a abertura para algo maior — o sagrado que pode ser experimentado na natureza, na arte, na meditação ou no silêncio profundo.

Muitos autores em medicina e saúde têm se dedicado ao estudo da relação entre espiritualidade, religião e bem-estar, tanto no Brasil quanto no exterior. O campo é conhecido como “saúde e espiritualidade” e tem ganhado destaque na pesquisa científica tais como Harold G. Koenig, Christina Puchalski, Andrew Newberg, Tyler VanderWeele, e autores brasileiros como Alexander Moreira-Almeida, Giancarlo Lucchetti, entre outros.

Para Koenig (2008), Espiritualidade é “a busca pessoal por compreender questões relacionadas ao sentido da vida, seu propósito e a relação com o sagrado ou transcendente, o que pode (ou não) levar ao desenvolvimento de rituais religiosos ou à formação de comunidades religiosas”. Ou seja, o autor destaca a busca individual, a conexão com o transcendente, e significado e propósito do Ser.

Para o Prof. Dr. Aurino Lima Ferreira e outros (2016, 2020, 2021), da Universidade Federal de Pernambuco, “a espiritualidade aparece por vezes como sinônimo de amor incondicional, ora desponta como acesso ao que é transcendente, sem negar a imanência. Surge como energia interna e acesso ao Eu superior/Self. Na clínica ela é considerada como promotora de saúde e abordada a partir da demanda na perspectiva junguiana e vista como contextual na transpessoal”. Dessa forma, esse campo aparece como dimensão constitutiva do humano, a espiritualidade manifesta-se no cotidiano e nos encontros, integrando transcendência e imanência. Entre as compreensões trabalhadas no país destacam-se: espiritualidade como experiência não religiosa; como processo transformador; como cultivo de valores humanos; como visão integral da existência; e como espiritualidade participativa e decolonial (LIMA et al, 2023).

Para Vera Saldanha (2008, 2019), doutora pela Unicamp em sua Tese afirma que “a Psicologia Transpessoal [...] reconhece a espiritualidade e a necessidade de transcendência como inerentes à natureza humana, contemplando o ser em suas dimensões biopsicossociocultural e espiritual”.

Esperança à luz da Logoterapia, Psicologia Positiva e Humanista

Espiritualidade e Esperança: da Chama Interior aos Caminhos de Realização

Mas a Espiritualidade, sozinha, não basta. Ela precisa de um movimento que projete o futuro e mobilize energia para a ação. É aqui que entra a Esperança.

Para Viktor Frankl, psicólogo que sistematizou a Logoterapia e que esteve na oficialização da Psicologia Transpessoal em 1968, junto com Maslow, Grof e outros, considera a Esperança como um componente central da capacidade humana de encontrar sentido, mesmo nas circunstâncias mais adversas. E cita a frase bíblica: “A esperança é a âncora da alma” (Hebreus 6:19).

A Esperança, para Frankl, estava intrinsecamente ligada a um **Propósito**. Era a convicção de que a vida tinha um sentido, mesmo que este estivesse temporariamente oculto pela dor. A Esperança não era um otimismo cego, mas uma atitude de enfrentar o sofrimento e, paradoxalmente, encontrar um significado nele e argumenta que a principal motivação humana não é a busca por prazer (como na psicanálise de Freud) ou poder (como na psicologia de Adler), mas sim a vontade de sentido, e cita que “entre o estímulo e a resposta há um espaço. Nesse espaço reside a nossa capacidade de escolher nossa atitude diante das circunstâncias. A esperança é a escolha de um sentido diante do sofrimento” (FRANKL, 2022).

Na Psicologia Positiva, Charles Snyder (1994), em sua *Teoria da Esperança* descreveu esse conceito como um processo ativo e dinâmico composto pelos seguintes elementos: Metas (a capacidade de definir objetivos claros e significativos); Caminhos (criatividade e a flexibilidade de encontrar rotas para alcançar essas metas); e Agência (a motivação, a crença de que se é capaz de agir para chegar lá).

Assim, a Esperança não é uma emoção vaga, mas um estilo de pensamento que integra visão de futuro, planejamento e ação. Pessoas com altos níveis de esperança demonstram maior desempenho acadêmico e profissional, enfrentam adversidades com resiliência e cultivam mais bem-estar subjetivo.

Martin Seligman, um dos fundadores da Psicologia Positiva explora as **virtudes e forças de caráter** que promovem a felicidade e o bem-estar, e a Esperança é considerada uma dessas forças essenciais. Para Seligman (2002), cultivar a esperança, a gratidão, o otimismo e a resiliência são práticas que nos ajudam a construir uma vida mais plena e a encontrar significado, mesmo em tempos difíceis. Em suas publicações ensina a identificar e utilizar essas forças psicológicas para criar uma “felicidade autêntica” e duradoura.

A Psicologia Humanista, liderada por Abraham Maslow, fundador da Psicologia Transpessoal, enfatiza o **potencial humano e a autorrealização**. Maslow (1968) argumenta que, sem uma dimensão transcendente ou transpessoal, os indivíduos podem se tornar doentes, violentos e nihilistas ou, então, vazios de esperança e apáticos. Ele propõe que é necessário algo “maior do que nós mesmos” para proporcionar um novo sentido à vida. Assim como se refere Cazelli (2023) que argumenta que a Espiritualidade oferece uma base para a saúde psíquica e o florescimento humano.

Na tradição Humanista e na Logoterapia, a Esperança se ancora **no sentido e no compromisso ético de agir bem**, mesmo em tempos difíceis. Em linguagem simples: a Esperança é a “cola” entre sonho e ação, Espiritualidade e vida prática.

Da teoria à prática: o congresso em ação

Espiritualidade e Esperança: da Chama Interior aos Caminhos de Realização

Quando unimos os conceitos de Espiritualidade e de Esperança, percebemos algo poderoso: a Espiritualidade oferece sentido e a Esperança oferece movimento. A Espiritualidade acende a chama e a Esperança projeta o caminho e dá força para caminhar.

Essa combinação é particularmente relevante no contexto atual, marcado por crises ambientais, políticas e sociais. O pessimismo, a ansiedade e a desesperança corroem a vi-

talidade coletiva. Dessa forma, o congresso propõe justamente o contrário: reacender a fé no humano, confiar no futuro e mobilizar recursos internos e coletivos para transformar. Quando o tema fala em *Caminhos de Realização*, ele nos convida a sair da contemplação passiva para a ação consciente.

Jean-Yves Leloup (2005) em “Caminhos da Realização” refere-se a figuras arquetípicas bíblicas como Jonas, a Samaritana e Maria Madalena para ilustrar os medos do inconsciente humano e como vencê-los com a graça divina, e nos convida a refletir sobre nossos medos inconscientes de nossos potenciais, nossos valores, nossas virtudes e forças tais como a Espiritualidade e a Esperança, temas do congresso e, como a humanidade vive um grande complexo, o de Jonas, com medo do Eu e do *vir-a-ser*, medo de nosso potencial, e do propósito de cada um.

Assim, o congresso propõe a travessia da inspiração para a implementação, que se traduz nos seguintes eixos temáticos norteadores:

1. *Tradições e Práticas de Cuidado*: com olhar clínico para emergências espirituais; acolhimento e integração com segurança e ética; práticas transpessoais aplicadas à psicoterapia.
2. *Clínicas e Saúde*: na dimensão social no cuidado nos territórios; inclusão; saúde pública; redes comunitárias e clínicas sociais.
3. *Ecologia e Educação*: uso educacional da espiritualidade na formação docente; rotinas de atenção e presença; escolas que cultivam interioridade, propósito e cidadania.
4. *Método e Transdisciplinaridade*: no aspecto científico, apresenta pesquisas recentes sobre espiritualidade, esperança e saúde integral; desenho metodológico; diálogo entre dado, clínica e território.

É uma oportunidade única de testemunhar como Ciência, Espiritualidade e Esperança podem caminhar juntas, sem reducionismos, abrindo espaço para um futuro mais integrado.

CONCLUSÃO: UM ENCONTRO DE FUTURO

O Congresso Internacional Transpessoal em Natal-RN é mais do que um evento. É um chamado coletivo para reacender a *Chama Interior* e, a partir dela, construir *Caminhos De Realização*. Ao unir Espiritualidade e Esperança, oferece uma resposta concreta aos tempos de incerteza: não basta acreditar em algo maior, é preciso agir movido por essa fé; não basta ter Esperança, é preciso nutrir a Espiritualidade que a sustenta.

De 3 a 5 de outubro de 2025, Natal será o ponto de encontro entre teoria, prática, ciência e espiritualidade. A cidade, cujo nome evoca **nascimento e renascimento**, acolhe este congresso como um espaço fértil para a escuta, o cuidado e a transformação. Em meio às dunas, à força criativa potiguar, à beleza natural e à tradição transpessoal que pulsa no território, este encontro se torna um verdadeiro portal para o florescimento humano.

Quem estiver presente não apenas participará de um congresso, mas de uma *Experiência Transformadora* — um convite para atravessar os próprios medos, reconhecer a potência do Self e se reconectar com o sentido da vida. É uma travessia entre o silêncio e a ação, entre o sofrimento e o propósito, entre o sonho e a realização. Aqui, Espiritualidade e Esperança não são conceitos abstratos, mas forças vivas que se manifestam em práticas clínicas, educativas, sociais e comunitárias.

Este é um tempo de reconstrução, de escuta profunda e de compromisso ético com o humano. Que cada participante possa sair deste encontro com a chama acesa, com a Esperança renovada e com caminhos reais para caminhar. Que possamos, juntos, sustentar uma psicologia que honra o mistério, a dignidade e a beleza da existência. Que este congresso seja, acima de tudo, um gesto coletivo de **amor, consciência e serviço ao mundo**.

Para conhecer mais a programação:

✉ congressotranspessoal2025@gmail.com

📷 Instagram: @congressotranspessoal2025

🌐 www.congressotranspessoal2025.com

REFERÊNCIAS:

CARNEIRO, Celeste. *Mandalas – A Arte de centrar-se*. Salvador: Editora Transdisciplinar, 2025.

CAZELLI, Felipe Ribeiro. *A busca pelo sentido em Psicologia Transpessoal: a espiritualidade como dimensão constitutiva humana*. *Revista Reflexus*, - Ano XVII, n. 2, p.307-320, 2023. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/download/2654/2445/9598>. Acesso em: 2 set. 2025.

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Silas Carlos Rocha da; CUNHA, Djailton Pereira da; BEZERRA, Marlos Alves. Notas para Decolonizar os Estudos Transpessoais no Brasil: Contribuições do Pluriperspectivismo Participativo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, e253624, p. 1-19, 2023.

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Laila Âine Cândida da; SILVA, Sidney Carlos Rocha da; BEZERRA, Marlos Alves. As espiritualidades em psicoterapeutas junguianos e transpessoais: um breve estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 26, n. 2, p. 135–146, 2020.

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Sidney Carlos Rocha da; RIBEIRO, Ronilda. Psicologia transpessoal: transcendência na imanência. In: *Psicologia, espiritualidade e epistemologias não hegemônicas*, v. 3. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2016.

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Silas Carlos Rocha da; SILVA, Sidney Carlos Rocha da;

CUNHA, Djailton Pereira da; CORREIA, Divanise Suruagy. As noções de espiritualidade do campo de estudos da Psicologia Transpessoal Brasileira. *Revista de Psicologia e Sociedade*, 2021. DOI: 10.28998/rpss.e02106003.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Paulo: Vozes, 2022.

KOENIG, Harold G. *Religion, spirituality, and health: the research and clinical implications*. West Conshohocken: Templeton Foundation Press, 2008.

LELOUP, Jean-Yves. *Caminhos da realização: dos medos do eu ao mergulho no ser*. Petrópolis: Vozes, 2005.

MASLOW, Abraham H. *Toward a psychology of being*. New York: D. Van Nostrand Company, 1968.

SALDANHA, Vera. *Psicologia Transpessoal: abordagem integrativa: um conhecimento emergente em Psicologia da Consciência*. Ijuí: Unijuí, 2008.

SALDANHA, Vera.; ACCIARI, Arlete S. *Abordagem integrativa transpessoal*. Psicologia e transdisciplinaridade. São Paulo: Inserir, 2019.

SELIGMAN, Martin. *Psicologia positiva: uma abordagem científica para o bem-estar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SNYDER, Charles R. *The psychology of hope: you can get there from here*. New York: The Free Press, 1994.





REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

2 – A TRAJETÓRIA DE UM DOENTE E A MUDANÇA DESEJADA

Aureo Augusto*

Como médico observo que toda doença apresenta múltiplas causas pelo simples fato de que nós, seres humanos, somos multidimensionais. Ainda que uma enfermidade se manifeste na dependência de um fator mais relevante, outros fatores contribuem para a sua manifestação clínica e o contexto socio-ambiental tem um papel de grave importância.

Durante o meu trabalho no consultório, ou em outras atividades relativas à saúde, atento para a multidimensionalidade humana, bem como ao reconhecimento que a ciência, em que pese a sua extraordinária importância para a humanidade em geral e para a saúde humana em particular, trata-se basicamente de uma forma de descrever a realidade, e não é a única forma de descrição dos acontecimentos que testemunhamos.

O biólogo filósofo, místico, e pensador que marcou várias gerações de pessoas envolvidas naquilo que chamamos de crescimento espiritual, Ken Wilber (2001), nos introduz na realidade das quatro partes constituintes de todo holon; traça um gráfico nos mostrando uma linha horizontal cortada por outra vertical em seu centro, formando quatro campos e explica que a parte à direita da Cruz é relativa às externalidades, aquilo que podemos medir e acessar facilmente com os nossos sentidos e com os instrumentos que nós criamos. Enquanto a parte esquerda manifesta aquilo de subjetivo no holon. Evidentemente a secção esquerda será tão mais desenvolvida quanto mais profundidade tem o holon em questão. Outrossim, a parte direita é domínio da ciência.

Já o epistemólogo Karl Popper (2008) dedicando-se a estabelecer a área de abrangência da ciência, nos mostra que a *modus operandi* da ciência é uma forma racional obediente a lógica aristotélica e por conseguinte não é capaz de abranger toda a realidade, uma vez que a realidade embora passível de abordagem lógica não se esgota naquilo que é racionalmente abordável. Entendo que os avanços da mecânica quântica e da psicologia transpessoal podem ter ampliado o escopo da ciência para além daquilo que Karl Popper estabeleceu, no entanto, permanece o fato de que a ciência tem limites quando se propõe a descrever a realidade. Existem outras maneiras de descrição da realidade, tais como a arte, a espiritualidade e a filosofia (esta última também pautada na racionalidade).

Na faculdade de medicina aprendi a ver a doença e o doente sob a ótica do racional, porém não levar em consideração outras abordagens da realidade pode trazer e traz sequelas no relacionamento médico/paciente. Por um lado, a ciência não diz tudo, não é capaz de tudo, porque, conforme Popper nos alerta, a palavra científico não é sinônimo de verdadeiro. Existem verdades não mensuráveis e não detectáveis, como por exemplo os sentimentos ou as virtudes. Mas a ciência também é limitada pelo fato de que ela preconiza um afastamento entre o sujeito e o objeto. O objeto para a ciência está destituído de subjetividade e será analisado na medida das suas externalidades, tais como, dimensões, peso etc. Vai daí que podemos ser induzidos, se não

* **Aureo Augusto** Caribé de Azevedo – soteropolitano, nascido em jan/1953, é médico, artista plástico e escritor. Escreve e dá cursos e palestras sobre medicina, história, filosofia, autoconhecimento, política, crônicas e contos. Reside e trabalha no Vale do Capão, Palmeiras-BA, onde atua em clínica particular e na Unidade de Saúde da Família local como voluntário. Seu trabalho inclui atividades educativas, psicossomática, terapêuticas naturais, com foco na saúde e na felicidade. WhatsApp: 71 99931-5515.

reconhecemos, ou não tenhamos sido apresentados aos aspectos humanísticos do ser humano, a objetificar o paciente. Tratá-lo no mesmo nível que, digamos, uma pedra. Ocorre que nós humanos temos profundidade e esta profundidade está no lado esquerdo do gráfico de Ken Wilber, em nossa subjetividade, em nossa psicologia, em nossa espiritualidade e em como nós sentimos o nosso viver na cultura em que estamos inseridos. Não levando isso em consideração perdemos muito na abordagem integral daquele que nos procura visando o próprio bem-estar. Dito de outra maneira, desumanizamos a arte médica. Nos aprisionamos aos protocolos, nos tornando submissos a eles ao invés de usá-los para o bem da pessoa.

Este é um dos motivos pelos quais muitos médicos se tornaram meros prescritores farmacológicos, vendo as pessoas apenas em sua superfície, conquanto atendendo aos supostos ditames da ciência.

Poder-se-ia pensar que em meu trabalho atento também para o lado esquerdo do gráfico de Ken Wilber porque trabalho muito frequentemente com um sistema terapêutico pouco conhecido chamado Naturopatia ou Neo-hipocratismo. Costuma-se acreditar que aqueles que trabalham com práticas não ensinadas nas academias de medicina (como Homeopatia, Ayurveda, Medicina Tradicional Chinesa...) são necessariamente inclinados a uma avaliação mais ampla do ser humano. No entanto conheço um número razoável de médicos que trabalhando apenas com o sistema terapêutico ensinado nas universidades, têm uma visão holística das pessoas que os buscam. Outrossim, conheço naturopatas que estão visceralmente entravados em um modo de atuar e de ver o enfermo meramente físico/bioquímico sem levar em consideração os aspectos subjetivos. No que diz respeito ao meu caso específico, penso que o entorno, o contexto histórico e a forma como senti e vivi a cultura na qual estou inserido tiveram um papel crucial na ampliação do meu interesse pelos aspectos filosóficos, psicológicos e mesmo espirituais do binômio saúde/doença. Ocorre que experimentei desde tenra idade a dor, a doença, e a desesperança. Conto um pouco da minha história porque acredito será ilustrativo.

Ainda criança desenvolvi problemas no trato digestivo, que se caracterizavam por sensibilidade intestinal a determinados alimentos tendo como resultado dor abdominal

e diarreia. Este processo foi evoluindo de tal sorte que do início da adolescência até tornar-me adulto apresentei um quadro que hoje seria diagnosticado como disbiose que evoluiu para uma Retocolite Ulcerativa (doença inflamatória autoimune) diagnosticada já quando frequentava a faculdade de medicina. Padecia diuturnamente de incômodos abdominais e diarreia habitual podendo piorar com a ingestão de alimentos típicos da cultura em que vivia (Bahia no Brasil). Dentro da faculdade de medicina entendi que as medicações propostas para tratar o quadro autoimune trariam sequelas que não me agradaram. Daí busquei outras possibilidades, experimentando outros sistemas terapêuticos para além daquele que eu estudava na faculdade e pelo qual tinha e tenho grande respeito. Quando estava perto de me formar conheci dois autores ligados à naturopatia popular, Manuel Lezaeta Acharán (2003) e Eduardo Alfonso (1982). Lendo estes livros e já tendo notado desde algum tempo que adotando uma alimentação vegetariana experimentava alguma melhora, alimentação esta preconizada pelos dois autores citados, adotei práticas hidroterapêuticas (tratamento com água - em uso interno ou externo, como compressas ou abluções) e geoterapêuticas (Tratamento principalmente com argila) que propiciaram a remissão total da sintomatologia em alguns meses. Após quase 50 anos depois daquela experiência de cura mantenho-me livre daqueles problemas

Embora o tratamento tenha sido unicamente físico notei uma mudança significativa na minha psique, por isso me resolvi a acentuar minha busca por ajuda psicológica, no intuito de me conhecer mais e entender a dinâmica psicossomática. E tornou-se bastante claro para mim que nós somos uma unidade biopsíquica, aliás podemos ampliar esta ideia considerando que o universo é constituído de uma única substância a qual como diziam os antigos místicos se apresentava de forma mais grosseira (material), ou sutil (espiritual) conforme sua frequência vibratória. Seja como for o fato é que me dediquei a observar a conexão íntima entre o físico e o psíquico vendo ambos uma coisa só manifestando-se de forma distinta. Ou seja, a rigor o diagrama proposto por Ken Wilber pode se resumir no ponto único em que a vertical e a horizontal se encontram.

O sistema terapêutico que utilizei, naturopatia, considera o organismo como um ecossistema; por ser um sistema aberto recebe

insumos do ambiente (por exemplo, alimentos) os quais são metabolizados para produzir energia, movimento, e corpo já que se trata de um sistema autopoiético. Quando este ecossistema recebe insumos inadequados, ou quando o processo de eliminação dos dejetos não cumpre o seu propósito seja por excesso de toxinas, seja por lesões no sistema de eliminação então o sistema adoece. A maioria das doenças agudas representam uma tentativa do organismo de aumentar a quantidade de eliminação, portanto representam algo positivo. Quando o sistema falha em eliminar os dejetos de forma adequada, adapta-se a uma situação de toxemia, que reconhecemos como doença crônica. Cabe ao terapeuta estimular a eliminação através da pele e dos demais órgãos de limpeza, além de propor uma alimentação e estilo de vida que contribuam para o bom funcionamento orgânico. O naturopata não cura, ele contribui para que o próprio organismo lançando mão do seu poder natural de recomposição, se cure. Usando as palavras de Arnauld de Villeneuve, reitor da universidade de Montpellier (século VI): “O Médico é o servidor da natureza e não o seu mestre” (citado por Pellegrini - 1921). Todos os sistemas vitalistas de terapêutica do passado atuam desta mesma forma, o diferencial da naturopatia é o uso de elementos da natureza (como o ar, água, as plantas medicinais ou a argila, mas também a psicoterapia, a massoterapia, a atividade física, práticas de meditação, entre outros) de forma controlada para estimular a circulação sanguínea, nutrimo assim órgãos que carecem de nutrientes, levando mais sangue para os órgãos de eliminação, como pele rins, reduzindo processos inflamatórios e contribuindo para a regeneração orgânica. No meu caso os resultados foram assombrosos.

Sei que um único caso não é estatisticamente representativo consequentemente não costuma ser considerado pela ciência. Mas um único fato pode negar o absoluto da estatística como um elétron da experiência da dupla fenda que contra o senso comum, e a estatística até então reconhecida, mostrou-se capaz de ser ao mesmo tempo onda e partícula, ou seja, desdenhando do fato estabelecido de que um objeto ou será onda ou será partícula. Uma única observação pode nos fazer rever os conceitos científicos a respeito de um fato, e isso é bonito! Ciência não é certeza, ciência não é verdade, é a eterna aproximação da verdade.

Ao longo da prática clínica acabei tratando uma grande quantidade de pessoas com estas enfermidades crônicas (bem como agudas) com resultados bastante satisfatórios, o que tem atraído a atenção de alguns colegas, que tem inserido estas práticas terapêuticas como adjuvante ao tratamento ao qual estão acostumados. Uma vantagem da naturopatia é que ela não faz oposição a outros sistemas (conquanto alguns naturopatas assumam postura opostora ao sistema médico reconhecido pela academia).

Em alguma medida a naturopatia (e outras práticas vitalistas) tem algo em comum com a maiêutica socrática. O mestre ateniense manejava perguntas, conduzindo a conversação ao partejamento da verdade. A naturopatia manejando com os elementos da natureza, e reconhecendo esta mesma natureza como a fonte da cura, contribui para que se estabeleçam as condições necessárias à recomposição orgânica. Um partejamento da saúde.

Neste processo o terapeuta se abre para aquele que o busca em procura da cura. Aqui escutar e depois escutar mais ainda, ativamente, amorosamente. Há que se identificar com o outro, senti-lo no mais íntimo possível, se envolver... Viver aquele momento como um caminho que será realizado com o outro, jamais acima do outro, alcançar, dentro do possível, o máximo de dimensões possíveis do processo que o outro vive (sem perder de vista que esse outro ali é espelho deste eu aqui), a dimensão alimentar bem como de outros hábitos de vida, a dimensão emocional, as crenças, as dinâmicas de pensamento, os processos sociais incluindo os preconceitos que são a tônica em uma sociedade na qual há mais de 6000 anos caracteriza-se pela busca da dominação do outro escravizando e ligando o opressor ao oprimido (ambos escravos), e uma vez adquirindo uma compreensão ampla do processo do outro, tratar de trazer-lhe com as linguagens da filosofia e da ciência (racionais) e com essa linguagens da arte e da espiritualidade (a-rationais) um diagnóstico situacional coerente, uma proposta terapêutica e por fim decidir em conjunto os próximos passos.

Sabemos todos que a humanidade se aproxima a passos largos de um beco sem saída diligentemente construído por nós mesmos; a sociedade pautada na dominação que criamos dos elevou a possibilidade palpável da autodestruição. Urge uma mudança imediata que vá além está conduta estereotipada.

Tornou-se emergencial a necessidade de por-mos em pauta o amor nas relações interpessoais é mais, econômicas políticas sociais etc. Entendo que as práticas de medicina podem contribuir sobremaneira para a mudança que se espera. Mas para isso a universidade carece de alimentar a postura elitista que caracteriza frequentemente aqueles que tiveram a oportunidade do conhecimento técnico científico ou filosófico. Todos nós terapeutas devemos lembrar que “somos os servidores da natureza e não seu mestre”.

Referências (por ordem em que aparece no texto):

1. WILBER, Ken, Uma Breve História do Universo, Nova Era, Rio de Janeiro, 2001.
2. POPPER, Karl, Conjecturas e Refutações, Universidade de Brasília, 5ª edição, Brasília-DF, 2008.
3. LEZAETA, Manuel, La Medicina Natural al Alcance de Todos, Kier, Buenos Aires-Argentina (no Brasil pela Hemus), 2003.

4. ALFONSO, Eduardo, Curso de Medicina Natural en Cuarenta Lecciones, Ed. Kier, Buenos Aires, Argentina, 1982.
5. PELLEGRINI, Aldo, Los Mecanismos de la Curación, Ed. Vigia, Buenos Aires, Argentina, 1941.

Para saber mais sobre Naturopatia (por ordem alfabética):

1. AUGUSTO, Aureo, Introdução ao Pensamento Integrativo em Medicina, in Barreto, Alexandre (organizador), Práticas Integrativas em Saúde, editora Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
2. BÉLIVEAU, Richard, e GINGRAS, Denis, Os Alimentos Contra o Câncer, Editora Vozes, Petrópolis, 2005.
3. COLEN, Allana, 10% Humano, editora Sextante, Rio de Janeiro, 2015.
4. PÓVOA, Helion, O cérebro desconhecido, editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2002.

Vale do Capão, Palmeiras-BA



- Título de cidadão benemérito de Palmeiras concedido pela Câmara de Vereadores (Resolução nº 41 de 26/9/97).
- Homenageado como Pioneiro nas Práticas Integrativas e Complementares no I Encontro Nordeste de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (UNIVASF, UFBa, UNEB, UFRN, UPE, UFPE, UFPB, UFCe, FA-SA), Juazeiro-BA, 2 de junho de 2013.
- Comendador da Ordem do Mérito Médico do Brasil, concedido pelo Ministério da Saúde (2017).
- Homenageado pela SESAB, na 11ª Conferência Estadual de Saúde com o prêmio Construtores do SUS.



Aureo Augusto

Médico, escritor, artista plástico

✉ aureo@aureoaugusto.com

Facebook: @draureoaugusto Instagram: @augustoaureo

YouTube: www.youtube.com/aureoaugusto

www.aureoaugusto.com



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025

<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

3 – RESENHA SOBRE AVANÇO NA MEDICINA INTEGRATIVA VOLUME 12, EDIÇÃO 3, SETEMBRO DE 2025, 100502

Célia Maria Carneiro dos Santos*

Introdução

A Secretaria Estadual de Saúde do Estado da Bahia (SESAB) escreveu um documento onde fazia uma releitura da Portaria 971 do Ministério da Saúde sobre Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), em 2019. Participei deste documento por indicação do Reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana, como homeopata, e era nítida a preocupação de todos em provar que as terapias consideradas integrativas eram efetivas (SESAB, 2019).

Foram compostos vários grupos de trabalho, ficando eu responsável pelo grupo de trabalho (GT) de Homeopatia. Nele vimos mais uma vez que a Homeopatia, aqui no Brasil, é reconhecida pelo conselho Federal de Medicina desde 1980, surgindo depois a Portaria que oficializava o seu uso no Sistema Único de Saúde, o SUS (Portaria 971, de 03 de maio de 2006).

Exerço Medicina desde 1982, atuando como médica nefrologista desde 1984 e como médica homeopata desde 1989. O que mais me chamava a atenção era o fato de que a evolução clínica dos pacientes mudava, para melhor, sempre que eu acrescentava um medicamento homeopático.

A coordenadora do meu curso de homeopatia, Dra. Maria Amélia Soares da Cunha sempre explanava sobre o caso de um criança

de seis anos que tinha saído de um coma que durara uma semana, após ter usado uma única dose de certo medicamento homeopático. O que guiou a sua escolha do medicamento: um sinal ao exame físico que era peculiar, raro, mas típico daquele medicamento.

Morando na cidade de Feira de Santana/BA e exercendo nefrologia num hospital público desta cidade, fui solicitada a avaliar uma jovem que acabara de parir, num parto complicado, com placenta prévia, descolamento prematuro de placenta, atonia uterina, hemorragia intensa, hipotensão severa, evoluindo para insuficiência renal aguda. Como dialisar uma pessoa usando droga vasoativa em dose acima da máxima e a pressão permanecendo inaudível? Tinha indicação de diálise, porém não tinha condições de colocar a paciente na máquina de diálise. Explorada a situação para a obstetra, ela concordou.

Foi então que sugeri para a obstetra: “respondendo a consulta no prontuário como nefrologista e vou na minha residência buscar alguns medicamentos homeopáticos”. Trouxe os medicamentos compatíveis com o quadro da paciente e coloquei oito gotas de cada diretamente na boca da paciente, entubada, no respirador, ainda no Centro Cirúrgico onde foi submetida a uma histerectomia.

* **Célia Maria Carneiro dos Santos** – Formada em Medicina – UFBA; Residência em Clínica Médica – UFBA; Residência em Nefrologia – UFBA; Opcional da Residência em Pediatria – UFBA; Urologia Pediátrica Ambulatorial no Ambulatório do H. Martagão Gesteira – Salvador/BA; Especialização em Medicina do Trabalho – UEFS; Especialização em Homeopatia – Instituto Alfredo Soares da Cunha, Salvador/BA em parceria com o Instituto Hahnemanniano do RJ. Aluna ouvinte do Mestrado de Saúde Coletiva em: Bioestatística; Epidemiologia; Gestão em Saúde. Professora de Medicina na UEFS – Cocriadora do curso.

Uma gota escorreu do lado da boca. A técnica de enfermagem chamou a atenção, aflita, para isto, ao que esclareci que ainda que fosse uma gota na boca, sendo o medicamento correto haveria reação positiva. Aguardamos um pouco, após documentar no prontuário a prescrição dos medicamentos homeopáticos. Menos de uma hora após, surgiu vaga na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). A paciente foi transferida do Centro Cirúrgico e foi colhido sangue para exames. Observamos que ela reagiu à dor da picada da agulha, quando no centro cirúrgico ela estava sem pressão arterial, com as pupilas dilatadas e fixas, sem reagir à luz. Houve alguma melhora. Segui o curso dos meus afazeres e no dia seguinte retornei para reavaliar: tinha estabilizado a pressão arterial em menos de 24 horas, a dilatação das pupilas tinha regredido ao tamanho normal, afirmaram que ela chegou a abrir os olhos, e, estável, pôde realizar a hemodiálise. Ao me dirigir a ela, percebi que a paciente reconheceu a minha voz, virando o rosto na minha direção. Apesar da gravidade do caso, viveu ainda mais uma semana.

Ouvimos com frequência colegas médicos perguntarem: Homeopatia funciona? Ou é apenas aguiinha com quase nada dentro? Hoje sabemos que já existem estudos sobre as ultradiluições (Sílvia Waisse, 2017). Trabalhos científicos são feitos com base em medicina laboratorial básica, com experimentos em animais e vegetais. Lembramos que a Homeopatia utiliza dos três reinos da natureza na fabricação dos seus medicamentos: vegetal, animal e mineral.

Reverendo os grandes experimentos do passado, pensamos como seria, na época passada, a eletricidade para os cientistas descrentes, a telefonia para quem não acreditava na transmissão não palpável, as doenças hoje curadas com antibiótico para os que nunca tinham visto uma bactéria!

Hoje, cientistas do mundo inteiro se reúnem para estudar a Homeopatia como ciência. Na Índia vemos grupos de médicos estudando o método da “sensação” coordenados pelo Dr. Sankaran, médico indiano fundador do método da sensação em homeopatia, visitando o Brasil com frequência para ensinar aos homeopatas brasileiros sobre seu método. A Homeopatia tem evoluído e se estabelecido com pesquisas que vão além do palpável, do emocional, do mental.

Um grupo de pesquisadores, na Índia, aplicou estes conhecimentos num hospital que

prestava assistência aos portadores de COVID-19 e fez um estudo randomizado, duplo-cego, controlado, trazendo as conclusões que são apresentadas a seguir.

Durante o período da pandemia por COVID-19, onde o número de mortes por esta doença assustou todos os países, foi feito o uso da Homeopatia como adjuvante.

Um grupo de pesquisadores da Índia resolveu documentar, num trabalho intitulado *Um ensaio clínico randomizado controlado por placebo usando a homeopatia como adjuvante ao tratamento padrão no tratamento da COVID-19* (Govindarajan Sankaran et al, 2025). Participaram do trabalho dois médicos não homeopatas, servidores do hospital em estudo, para que dessem o seu parecer.

Alguns destaques do estudo foram:

Estudo randomizado, duplo-cego e controlado por placebo que avaliou a eficácia do tratamento homeopático individualizado como adjuvante à medicina moderna no tratamento da COVID-19 usando modelos multivariados de efeitos aleatórios e modelos de regressão logística.

Temos como avaliação preliminar do Estudo que:

- Nos dias cinco e dez, o grupo que recebeu tratamento homeopático apresentou redução nos sintomas, como falta de ar, tosse, fraqueza e fadiga.
- O grupo homeopático apresentou taxas significativamente menores de necessidade de UTI, necessidade de ventilador e mortalidade do que o grupo placebo.
- Não foram encontradas diferenças perceptíveis nos níveis medianos de marcadores inflamatórios entre os dois grupos.

Analisando os dados, os pesquisadores observaram que:

“A COVID-19 desafiou a comunidade médica com altas taxas de transmissão, falta de sensibilização prévia do sistema imunológico, alta mortalidade e estresse emocional devido ao medo da morte e ao isolamento social” (Govindarajan Sankaran et al, 2025).

“O objetivo deste estudo foi testar a eficácia do tratamento homeopático individualizado como adjuvante à medicina moderna” (Govindarajan Sankaran et al, 2025).

“Este foi um ensaio clínico randomizado, duplo-cego e controlado por placebo.

Duzentos e sessenta e nove participantes com teste positivo para COVID-19 (Gene N, Gene ORF 1-ab e Gene S do vírus SARS-CoV-2) foram randomizados em dois grupos paralelos. Um total de 133 participantes (49%) foram randomizados para o grupo homeopático. Os 136 pacientes restantes (51%) do grupo controle receberam uma intervenção com placebo, além do tratamento padrão da medicina moderna” (Govindarajan Sankaran et al, 2025).

Nesse contexto, “as principais medidas de resultados no estudo foram a medição do impacto nos sintomas dos pacientes, na taxa de mortalidade, na necessidade de ventilação mecânica, em marcadores inflamatórios e na duração da internação hospitalar. A análise estatística foi realizada utilizando um modelo multivariado de efeitos aleatórios para sintomas marcantes inflamatórios. Modelos de regressão logística foram utilizados para avaliar os desfechos clínicos, incluindo necessidade de unidade de terapia intensiva (UTI), suporte ventilatório e óbitos” (Govindarajan Sankaran et al, 2025).

“Dos 269 participantes, 133 (49%) estavam no grupo homeopático e 135 (51%) estavam no grupo controle. Não houve diferenças significativas nas características demográficas, comorbidades ou tratamento alopático administrado dentro dos grupos no início do estudo. As pontuações medianas para falta de ar, tosse, fraqueza e fadiga reduziram significativamente nos dias cinco e dez. Não houve diferenças significativas nos valores medianos dos marcadores inflamatórios. A necessidade

de UTI ($p = 0,01$) a necessidade de ventilador ($p = 0,01$) e a mortalidade ($p = 0,003$) foram significativamente menores no grupo homeopático” (Govindarajan Sankaran et al, 2025).

Assim, concluíram que “A homeopatia como adjuvante ao tratamento padrão no tratamento da COVID-19 resultou na redução dos sintomas clínicos e em uma necessidade significativamente menor de UTI, necessidade de ventilação e taxa de mortalidade em comparação ao tratamento padrão sozinho” (Govindarajan Sankaran et al, 2025).

REFERÊNCIAS

Ministério da Saúde - Portaria nº 971 de 03 de maio de 2006. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html Acesso 17 ago. 2025.

SESAB - Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Bahia, 2019. Disponível em <https://www.saude.ba.gov.br/atencao-a-saude/saude-de-todos-nos/praticas-integrativas-complementares/> Acesso 17 ago. 2025.

Waisse, Silvia. Rev. Homeopatia (São Paulo); 80 (1/2, supl): 57-65, 2017. Tab. Article em Pt | HomeoIndex | ID: hom – 12047. <https://kwnsfk27.r.eu-west-1.amazonaws.com/L0/https:%2F%2Fdoi.org%2F10.1016%2Fj.ai-med.2025.100502/1/01020197ad303f5d-8b9da898-5fe4-4e2a-9bb6-dac3615ca7d8-000000/mWJr4Y7IUnLPM35NRYZb-pCvmCBc=432>





REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

4 – A CONSTRUÇÃO DAS PAIXÕES NA OBRA AUDIOVISUAL DE LAURA PAUSINI: Uma Análise Semiótica e Psicanalítica

Isabella Sozza, M A*

Resumo:

Este artigo investiga as dimensões passionais, estéticas e pulsionais presentes no filme *Laura Pausini - Piacere di conoscerti* (2022), articulando as teorias da Semiótica Francesa, da Estética e da Psicanálise. A escolha do tema justifica-se pela riqueza discursiva da cantora, cuja obra audiovisual transita entre a subjetividade amorosa e questões sociais, materializadas em narrativas visuais e sonoras. O objetivo geral é compreender como as paixões e pulsões se manifestam no corpus selecionado, utilizando como metodologia a análise semiótica descritiva. O arcabouço teórico baseia-se em Greimas e Fontanille (1993) para a Semiótica das Paixões, em Freud (1996) para as noções de pulsão e em Platão (1972) e Aristóteles (2008) para as discussões estéticas. Os resultados apontam que as paixões na obra de Pausini são construídas por meio de modalizações (querer, saber, poder, dever) e se manifestam em figuras como o ressentimento, a saudade e o devaneio, articuladas a elementos visuais e sonoros. Conclui-se que a obra da cantora opera como um dispositivo discursivo complexo, onde as paixões não são apenas enunciadas, mas performatizadas pela intersecção de linguagens.

Palavras-chave: Laura Pausini; Semiótica das Paixões; Psicanálise; Estética; Audiovisualidade; Interdisciplinaridade.

Abstract:

This article examines the passionate, aesthetic, and pulsional dimensions in the film *Laura Pausini - Piacere di conoscerti* (2022), combining French Semiotics, Aesthetics, and Psychoanalysis. The theme is justified by the discursive richness of the singer's audiovisual work, which navigates between love subjectivity and social issues, materialized in visual and sonic narratives. The main goal is to understand how passions and drives manifest in the selected corpus. The theoretical framework relies on Greimas and Fontanille (1993) for Semiotics of Passions, Freud (1996) for drive theory, and Plato (1972) and Aristotle (2008) for aesthetic discussions. The results indicate that passions in Pausini's work are constructed through modalizations (wanting, knowing, being able, having to) and manifest in figures such as resentment, longing, and daydreaming, articulated through visual and sonic elements. It concludes that the singer's work operates as a complex discursive device, where passions are not only enunciated but performatized through the intersection of languages.

Keywords: Laura Pausini; Semiotics of Passions; Psychoanalysis; Aesthetics; Audiovisuality; Interdisciplinarity.

***Isabella Sozza, M A** – Professora, artista e pesquisadora em Letras, Artes e Tecnologias Educacionais. Graduada em Letras/português pela Universidade Santo Amaro — UNISA, mestre em Letras (língua, literatura e cultura italianas) pela Universidade de São Paulo — USP, com especializações em Docência Superior e Linguística. Atua em educação inclusiva e tecnológica, literatura/linguística/tradução literária, pesquisa e revisão científica internacional. E-mail: isabellasoza@alumni.usp.br

Introdução

A obra de Laura Pausini, desde seus primeiros videocliques nos anos 1990, configura-se como um laboratório de experimentações passionais, onde a subjetividade amorosa e as questões sociais se entrelaçam em narrativas audiovisuais densas. O filme *Piacere di conoscerti* (2022), ao reunir fragmentos autobiográficos da cantora, evidencia um *corpus* privilegiado para analisar como as paixões são construídas não apenas pela letra das canções, mas pela materialidade das imagens, cores e sons. A justificativa para este estudo reside na necessidade de analisar as camadas discursivas que ultrapassam o verbal, adentrando o território da *Semiótica das Paixões* (Greimas; Fontanille, 1993) e suas interfaces com a *Psicanálise* (Freud, 1996) e a *Estética* (Platão, 1972; Aristóteles, 2008).

O problema central que orienta esta pesquisa é: Como as paixões e pulsões se configuram na obra audiovisual de Laura Pausini, e de que maneira elas dialogam com as teorias da significação e dos afetos? A hipótese é que as paixões na obra da cantora operam por meio de uma modalização específica, onde o sujeito apaixonado, tendo a própria Pausini como enunciatória, se constitui na relação ambígua entre euforia e disforia, performatizada por recursos extralinguísticos.

O artigo estrutura-se em três capítulos. O primeiro discute as bases teóricas da *Semiótica das Paixões* e suas aplicações no campo audiovisual. O segundo analisa recortes do filme e videocliques de Pausini, destacando figuras passionais como o ressentimento e a saudade. O terceiro capítulo articula essas análises com as noções psicanalíticas de pulsão e sublimação, propondo uma leitura interdisciplinar.

1 Semiótica das Paixões e Audiovisualidade

A *Semiótica Francesa*, conforme Greimas e Fontanille (1993), entende as *paixões* como estados da alma modalizados, onde o sujeito se define por *querer*, *saber*, *poder* ou *dever*. Essa abordagem permite analisar como Pausini constrói seus enunciados passionais não apenas pela letra das músicas, mas pela disposição das imagens e sons. Em *La solitudine* (1993), por exemplo, a praia vazia e os tons frios da imagem materializam a paixão do ressentimento, conforme descrito por Fiorin

(2007): uma modalização do "saber" que se frustra, onde o sujeito reconhece a impossibilidade de alcançar o objeto desejado.

A hibridização da linguagem audiovisual, como aponta Machado (2007), dissolve fronteiras entre verbal e não-verbal, criando um espaço privilegiado para a manifestação das paixões. Em *Spaccacuore*, a chuva intensa e a performance corporal da cantora operam como sinais de uma tensividade fórica (Greimas; Fontanille, 1993), onde o *pathos* é visualizado antes mesmo de ser nomeado.

A obra de Laura Pausini evidencia um repertório vasto para analisar as nuances das paixões e suas modalizações, indo além do ressentimento e adentrando territórios como a nostalgia, o êxtase amoroso e a melancolia. Em *In assenza di te* (1996), a paixão da saudade é construída por uma combinação de elementos verbais e não-verbais: a letra evoca a ausência ("Cerco il tuo nome nelle mie preghiere"), enquanto o videoclipe, filmado em tons sépia e com planos lentos de paisagens desertas, reforça a modalização do "querer" insatisfeito. A cantora, muitas vezes enquadrada em *close-up*, transmite uma expressão facial ambígua — entre a resignação e a espera —, exemplificando o que Greimas e Fontanille (1993) chamam de estado tenso, onde o sujeito oscila entre a posse simbólica e a privação real do objeto de desejo.

Já em *E ritorno da te* (2001), a paixão do reencontro é articulada por uma mudança na paleta cromática (do cinza ao dourado) e pelo movimento da câmera, que abandona planos fixos para adotar *travellings* circulares, sugerindo a modalização do "poder" realizado. A narrativa visual, que mostra Pausini correndo em direção ao amante, contrasta com a letra ("Ho imparato a vivere senza te"), criando uma contradição semiótica proposital: o sujeito afirma sua independência, mas a imagem revela uma pulsão (Freud, 1996) de retorno. Essa dissonância entre verbal e não-verbal é um traço recorrente em sua obra, evidenciando que as paixões não se limitam ao discurso explícito, mas se inscrevem no corpo e no espaço.

Em *Limpido* (2013), dueto com Kylie Minogue, a paixão da libertação é representada pela metáfora da água cristalina e pelos gestos expansivos das cantoras, que dançam sob uma cascata. Aqui, a modalização do "dever" (a obrigação de superar um amor passado) é sublimada em coreografia, cor e movimento, alinhando-se à noção de somação (Greimas;

Fontanille, 1993), onde o sujeito transcende a negação inicial. A cena em que Pausini e Minogue se olham e sorriem, sem qualquer diálogo verbal, opera como um ato de sanção — a confirmação de que o objeto de desejo, que agora transformado, foi ressignificado.

Em *Io sì* (2020), música-tema do filme *La vita davanti a sé*, a paixão da resiliência é construída por uma narrativa de empoderamento. A letra e a imagem articulam a modalização do "saber" reconquistado. A ausência de interlocutores no videoclipe reforça a ideia de que o sujeito apaixonado se tornou, ele mesmo, o objeto de sua própria superação — um conceito que ecoa a noção psicanalítica de sublimação (Freud, 1996), onde a pulsão é redirecionada para uma criação artística.

A materialidade audiovisual, longe de ser um mero suporte, é constitutiva dessas paixões, tornando-as sensíveis antes mesmo de serem racionalizadas. Como observa Machado (2007), a hibridização das linguagens na pós-modernidade exige que a análise semiótica vá além do texto, incorporando gestos, cores e sons como elementos discursivos plenos.

1.1 A Arquitetura das Paixões: Fundamentos Semióticos e Psíquicos

A compreensão das paixões enquanto fenômeno discursivo exige um retorno às estruturas profundas que as constituem. Greimas e Fontanille (1993) propõem uma topologia passionais que transcende a mera catalogação de afetos, situando-as como modulações existenciais do sujeito perante seu objeto de valor. Neste horizonte teórico, a paixão é uma forma de ser-no-mundo semioticamente estruturada.

O cerne desta teoria reside na noção de modalização — operação pela qual o sujeito se define em sua relação com o possível. As quatro modalidades canônicas (querer, saber, poder, dever) são vetores dinâmicos que se entrelaçam na tessitura discursiva. O querer (*vouloir*) configura a dimensão desiderativa, onde o sujeito se projeta na falta; o saber (*savoir*) instaura o regime cognitivo, espaço das certezas e ignorâncias que delimitam o campo passionais; o poder (*pouvoir*) define a esfera das potencialidades concretas, fronteira entre o real e o virtual; o dever (*devoir*) introduz a dimensão ética, onde o desejo se confronta com a lei.

Esta arquitetura modal desdobra-se no que Fontanille (2004) denominará posteriormente de "semiótica tensiva" — sistema onde as paixões não são estados, mas processos de intensificação e relaxamento, movimentos contínuos entre potência e ato. A tensividade passionais manifesta-se na oscilação permanente entre euforia e disforia, entre a posse imaginária e a privação real do objeto valorizado.

Paralelamente, a psicanálise freudiana evidencia uma contraparte necessária a esta abordagem. Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud descreve a pulsão (*Trieb*) como força liminar entre o somático e o psíquico, movimento incessante que desconhece a saturação. A noção de sublimação — desvio da pulsão sexual para fins culturalmente valorizados — revela-se particularmente fértil para pensar as paixões artísticas. Lacan (1966) radicalizará esta perspectiva, mostrando como o desejo é sempre desejo do Outro, estrutura linguageira antes que experiência íntima.

A intersecção entre estas tradições revela um paradoxo fundamental: se a semiótica greimasiana enfatiza a estruturação lógica das paixões, a psicanálise insiste em seu núcleo opaco, irreduzível à significação. Este tensionamento teórico torna-se condição de possibilidade para uma compreensão não reducionista do fenômeno passionais. Como observa Kristeva (1983), o afeto habita a fronteira entre o simbólico e o semiótico, isso no sentido psicanalítico, entre a ordem discursiva e sua pulsação pré-linguística.

A estética, neste diálogo interdisciplinar, funciona como instância mediadora. Da Poética aristotélica à *Kritik der Urteilskraft* kantiana, a arte aparece como espaço privilegiado onde as paixões não são apenas representadas, mas performatizadas. Hegel (1828) verá na música a expressão mais pura do interior subjetivo, forma artística onde o afeto se apresenta em sua imediatez não objetual.

A circunstância teórica que se impõe é pensar estas três vertentes — semiótica, psicanálise e estética — como dimensões complementares de um mesmo fenômeno. As paixões, nesta perspectiva, são simultaneamente: estruturas modais (Greimas), forças pulsionais (Freud) e experiências sensíveis (Hegel). Sua análise exige um método capaz de articular, sem reduzir, estas diferentes camadas de significação.

2 Paixões e Pulsões na Obra de Pausini: Arqueologia do Afeto

A cena em que Laura Pausini revisita os estúdios de sua juventude em *Piacere di conoscerti* transcende a mera nostalgia. Os objetos ali dispostos – microfones envelhecidos, partituras amareladas – configuram uma topologia da memória onde o passado não é evocado, mas reencarnado. A câmera, ao percorrer esses vestígios materiais com lentidão ritualística, revela o caráter paradoxal da saudade: o que parece retorno é, na verdade, uma forma radical de avanço. A voz da cantora, oscilando entre registros tonais contrastantes, materializa essa dialética temporal. Cada hesitação vocal, cada vibrato prolongado, torna-se sintoma de uma tensão entre o que foi e o que poderia ter sido.

Freud, em *Lembranças Encobridoras* (1899), já apontava para esse caráter criativo da memória. A pulsão de retorno não busca reconstituir o passado, mas reescrevê-lo através do filtro do presente. Quando Pausini toca o piano onde gravou seus primeiros acordes, o gesto não repete, mas ressignifica. As teclas não produzem notas, ecos. O que emerge não é a lembrança de uma canção, mas a canção como lembrança – objeto sonoro que carrega em suas frequências toda a espessura do tempo transcorrido.

A evolução dessas economias passionais torna-se ainda mais complexa ao contrastar com *Invece no* (2008). A tempestade que envolve a performance não funciona como mero símbolo de adversidade, mas como elemento constitutivo da nova modalização passionais. A água que escorre pelo rosto da cantora não apaga, revela. A multidão que a acompanha não responde, ecoa. Há aqui uma inversão fundamental: se nas primeiras obras o sujeito apaixonado confrontava-se com sua própria interioridade, agora essa interioridade exterioriza-se, tornando-se paisagem coletiva.

A chuva, nesse contexto, opera como o que Bachelard chamaria de "imaginação material" – elemento natural que deixa de ser cenário para tornar-se ator do drama passionais. Cada gota refrata a luz dos holofotes em prismas emocionais distintos, criando uma fenomenologia do afeto onde o individual e o coletivo já não se distinguem. A voz de Pausini, longe de se perder no espaço aberto, ganha uma ressonância peculiar: não mais o grito no vazio de *La solitudine*, mas o canto que transforma o vazio em catedral acústica.

Essa transição do íntimo para o compartilhado não significa abandono das paixões pessoais, mas sua transmutação em linguagem universal. O que em Freud seria descrito como processo de sublimação adquire aqui dimensão estética radical. A dor não é superada, mas traduzida em formas que permitem sua circulação social. A cena culmina com um plano sequência onde a câmera gira em movimento helicoidal, captando rostos diversos cantando em uníssono – imagem perfeita dessa nova economia passionais onde o eu se dispersa para se reencontrar no nós.

A materialidade dessas performances confirma uma hipótese fundamental: as paixões em Pausini não são representadas, mas encarnadas. A voz não descreve emoções, performatiza-as através de recursos técnicos precisos – o *falseto* quebrado, o fraseio entrecortado, os silêncios estrategicamente colocados. O corpo não ilustra sentimentos, torna-se sua escritura visível: as mãos que se abrem em gesto de oferta, os olhos que buscam algo além da câmera, a postura que oscila entre entrega e resistência.

2.1 A Dialética entre Vocação e Obliquidade: Formação Técnica e Paixão Artística

O filme *Piacere di conoscerti* desvela uma contradição fundamental na gênese do percurso artístico de Laura Pausini: sua formação técnica em química, orientada pela expectativa materna de uma carreira farmacêutica, coexiste paradoxalmente com a pulsão musical que a levava aos bares noturnos para cantar com o pai. Essa dualidade não constitui mero detalhe biográfico, mas configura uma estrutura passionais de base que ecoa em toda sua obra.

Os cadernos escolares mostrados no documentário transformam-se em objetos semióticos ambíguos. Longe de representarem simples resistência à vocação artística, revelam uma modalização do *dever* (Greimas & Fontanille, 1993) internalizada com perfeição técnica – a mesma perfeição que depois caracterizaria suas interpretações vocais. A química, ciência das transformações materiais, aparece aqui como metáfora epistemológica do processo criativo que Pausini desenvolveria: a capacidade de transmutar experiências brutas em composições refinadas.

A sequência que contrasta o laboratório escolar (com seus instrumentos de precisão)

com o piano desgastado do bar familiar estabelece uma oposição semântica fundamental. Não se trata, porém, de dicotomia simples entre razão e emoção, mas de dois regimes complementares de saber-fazer: o conhecimento exato das proporções químicas encontra seu correlato na exatidão do ouvido musical; a disciplina dos experimentos laboratoriais ecoa na disciplina vocal que mais tarde a consagraria.

A relação com a mãe, mostrada em arquivos domésticos, adquire dimensão passionais complexa. O desejo materno por uma carreira estável na farmácia não se apresenta como obstáculo, mas como contraponto estruturante - aquilo que Lacan (1966) chamaria de "desejo do Outro" constitutivo da própria subjetividade. As cenas atuais que mostram Pausini revisitando sua antiga escola técnica revelam não arrependimento, mas reconhecimento dessa dialética formativa: cada equação química resolvida continha em potência a estrutura lógica que organizaria suas composições.

Os amigos de infância, vários dos quais seguiram carreiras científicas, aparecem como figuras de mediação entre esses mundos aparentemente antagônicos. Seus depoimentos destacam não a Laura "que poderia ter sido farmacêutica", mas a estudante que já cantava, um detalhe que constitui seu estilo: o rigor técnico a serviço da expressão passional.

Essa formação bifronte manifesta-se de maneira crucial na cena em que Pausini explica ao afilhado (filho de Paolo Carta) os fundamentos da vida cotidiana. A didática empregada - precisa, quase matemática - trai sua formação técnica, enquanto o conteúdo transmitido revela a transcendência dessa mesma formação. A transmissão geracional mostrada é ritual de conversão: o mesmo gesto que outrora mediava entre fórmulas químicas e partituras agora ensina uma nova geração a decifrar a álgebra das emoções.

O documentário, ao revelar esses estratos formativos, propõe uma leitura radical da figura artística: o "acaso" da carreira musical aparece como consequência necessária de uma trajetória que soube modalizar (Fontanille, 2004) o dever em querer, o saber técnico em poder expressivo. A farmacêutica que não foi continua presente na artista que é - não como ausência, mas como fundamento oculto de seu rigor interpretativo, sua capacidade de dosar com precisão cirúrgica cada elemento da performance.

O laboratório de química não foi abandonado, mas sublimado - transformado em laboratório existencial onde elementos passionais se combinam em proporções exatas para produzir o fenômeno artístico. A precisão farmacêutica converteu-se em precisão fonética; o cuidado com as dosagens químicas transmutou-se no cuidado com as nuances interpretativas. O que poderia parecer contradição biográfica revela-se, assim, coerência profunda do percurso criativo.

3. Interdisciplinaridade e Crítica: Cartografias do Sensível

A confluência entre Semiótica, Psicanálise e Estética na análise da obra de Laura Pausini não configura um mero exercício metodológico, mas um necessário reconhecimento da complexidade ontológica do fenômeno artístico. Greimas (1987), ao estruturar o percurso gerativo de significação, evidencia ferramentas precisas para decifrar a gramática das paixões, mas esbarra no limite fundamental: a música - especialmente na interpretação pausiniana - opera uma ruptura na própria noção de discurso. A voz que se eleva em *La solitudine* não comunica, acontece; não significa, irrompe.

Freud, em *O Inconsciente* (1915), alertava para o caráter não representacional das pulsões - realidade psíquica que resiste à simbolização plena. Quando Pausini modulariza um verso em *Spaccacuore*, alongando sílabas até a ruptura melódica, não estamos diante de uma escolha estilística, mas da emergência do *Real lacaniano* (1966) no tecido simbólico da canção. A Psicanálise, aqui, não complementa a Semiótica, desestabiliza-a - revelando que o cerne passional da performance escapa às categorias greimasianas, manifestando-se justamente nos interstícios do sistema modal.

Se para Adorno (1970) a verdade da arte reside em sua capacidade de negar os sistemas que a pretendem explicar, a obra de Pausini realiza essa negação de modo paradigmático. As pausas dramáticas em Invece no, os silêncios entre as frases musicais, não são elementos estruturais, mas anti-estrutura - momentos onde a semiótica se vê confrontada com seu outro irredutível. A imagem recorrente da cantora com os olhos fechados durante performances intensas sintetiza esse paradoxo: o que vemos é precisamente a reti-

rada do visível, a suspensão do regime escópico em favor de uma experiência puramente acústica e, portanto, pré-simbólica.

Essa tensão interdisciplinar atinge seu ápice na análise das canções dedicadas ao pai. Em *E ritorno da te*, quando Pausini canta "ho imparato a vivere senza te", a contradição entre a afirmação verbal e a melodia quebrada revela o limite de qualquer abordagem unilateral. A Semiótica identificaria aqui uma contradição modal; a Psicanálise, um luto não elaborado; a Estética, uma dissonância constitutiva do belo. Nenhuma dessas leituras, porém, dá conta do fenômeno em sua totalidade – porque a arte, como lembra Merleau-Ponty (1945), habita justamente o espaço entre as disciplinas, na carne do mundo onde sentido e sensação ainda não se separaram.

Piacere di conoscerti, ao mostrar a cantora ensaiando com músicos jovens, evidencia uma metáfora perfeita desse diálogo teórico. Como ensinar a modular uma emoção? Como traduzir em termos musicais o que por definição escapa à tradução? A resposta parece residir justamente na interdisciplinaridade: assim como Pausini funde técnica e inspiração, a análise crítica deve articular, sem reduzir, estrutura e excesso, forma e força, significado e presença.

Essa perspectiva exige repensar os próprios fundamentos da análise cultural. Se a Semiótica opera por desmontagem estrutural, e a Psicanálise por interpretação sintomática, a obra pausiniana demanda uma hermenêutica da encarnação – método que reconheça na materialidade da voz, na textura das imagens, na coreografia dos gestos, não veículos de significado, mas corpos passionais em estado puro. Quando, no clímax de *Io sì*, a câmera capta a luz tremeluzente refletida nas lágrimas da cantora, estamos diante do que Nancy (2002) chamaria de "imagem-tátil" – fenômeno que não se deixa apreender nem pela semiótica da representação, nem pela psicanálise do inconsciente, mas que exige uma teoria do sensível como dimensão autônoma da experiência estética.

Aqui reside o desafio epistemológico central: como construir uma crítica que honre simultaneamente a inteligibilidade das estruturas (semiótica), a profundidade dos processos psíquicos (psicanálise) e a imediatez da experiência sensível (estética)? A obra de Pausini, em sua radicalidade artística, não evidencia respostas, mas exige essa interrogação permanente – lembrando-nos que toda grande

arte é, em última instância, um exercício de resistência às interpretações totalizantes. Talvez a lição mais profunda dessa análise interdisciplinar seja a de que, diante de *Incancellabile* ou *Scatola*, deve-se aprender a ouvir com os ouvidos da razão, os do desejo e os da pele – simultaneamente.

Considerações Finais

A análise demonstrou que as paixões na obra de Laura Pausini são construídas por uma rede de modalizações e figuras que transcendem o verbal, apoiando-se em recursos audiovisuais para performatizar estados da alma. A hipótese inicial confirmou-se parcialmente: além da modalização, as paixões operam por sublimação pulsional, onde o afeto é transformado em arte.

Sugere-se, para estudos futuros, a expansão do corpus para outras obras audiovisuais da cantora, bem como a incorporação de teorias mais recentes da Semiótica Tensiva (Fontanille, 2008) e da Psicanálise Lacaniana, que poderiam enriquecer a discussão sobre a relação entre paixão e linguagem.

O percurso analítico realizado revela que a obra de Laura Pausini constitui um laboratório privilegiado para repensar as próprias bases teóricas do estudo das paixões. Se a hipótese inicial apontava para a modalização greimasiana como chave interpretativa, o corpus examinado demonstrou que as paixões artísticas não se deixam encerrar em esquemas estruturais. Em *Spaccacuore*, quando a voz da cantora se fragmenta no ápice emocional, ou em *Invece no*, quando a imagem se dissolve em chuva e luz, estamos diante do que Kristeva (1974) chamaria de "revolta íntima da matéria significante" – momento em que a pulsão rompe o tecido simbólico e se faz presença pura.

A sublimação pulsional, longe de ser mero mecanismo psicanalítico, revela-se na obra pausiniana como estética da conversão: o dever familiar convertido em rigor técnico (*Io sì*), a saudade transformada em gesto coreográfico (*E ritorno da te*), a raiva transmutada em precisão melódica (*Invece no*). Esse processo não ocorre apesar das contradições, mas por meio delas – a filha obediente que se tornou artista rebelde, a estudante de química que dominou a alquimia das emoções, a intérprete de bares que conquistou o mundo sem perder o sotaque de Faenza.

Os estudos futuros aqui sugeridos – expansão do corpus e diálogo com a semiótica tensiva e o lacanismo – devem evitar a tentação totalizante. A lição principal da obra analisada é justamente a de que as paixões se revelam na resistência aos sistemas. Quando Pausini, no documentário, corrige pela quinta vez a entonação de uma frase musical, está nos ensinando que a perfeição técnica não é oposta à expressão passionais, mas sua condição de possibilidade – paradoxo que nenhuma teoria unilateral consegue apreender.

Que fique como desafio metodológico esta interrogação: como desenvolver ferramentas críticas que, como a voz de Pausini, saibam conjugar precisão e abandono, estrutura e êxtase? Talvez a resposta esteja no próprio objeto estudado – na capacidade de ouvir a teoria como se ouve música: nem com a razão pura, nem com o coração ingênuo, mas com aquela atenção flutuante que Freud (1912) recomendava aos psicanalistas e que todo grande artista exige de seu público.

Ao final deste percurso, compreende-se que a genialidade de Laura Pausini reside precisamente naquilo que escapou à nossa análise: o instante em que a técnica desaparece e só resta o tremor – da voz, do corpo, da imagem. Esse tremor, que é a assinatura do real na obra de arte, permanece como desafio e convite: para que a crítica cultural ouse ser, ela também, menos certa e mais humana.

Referências

- ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- FIORIN, J. L. **Semiótica das Paixões: O Resentimento**. São Paulo: Alfa, 2007.
- FONTANILLE, J. **Semiótica do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FONTANILLE, J. **Soma et Séma**. Paris, France: Maisonneuve & Larose, 2004.
- FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso schreber")**, artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1911;1912; 1913].
- FREUD, S. **Über Deckerinnerungen [Sobre lembranças encobridoras]** (1899). *Gesammelte Werke (Band I)*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1999, p. 529-554. Apresentação, tradução e notas de André Carone. (Maio de 2020).
- FREUD, S. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Volume XVIII. São Paulo: Imago, s.d [1920].
- FREUD, S. **A História do Movimento Psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GREIMAS, A. J. **On meaning**. Translated by, Paul Perron, Frank Collins. Contributors, Paul Perron, Frederic Jameson. Publisher, University of Minnesota Press, 1987.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das Paixões**. São Paulo: Ática, 1993.
- KRISTEVA, Julia. *Stabat Mater*. **Histoires d'Amour**. Paris: Seuil, 1983.
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, [1966], 1998.
- MACHADO, A. **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- MACHADO, A. **O Sujeito na Tela**. São Paulo: Paulus, 2007.
- PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.
- PAUSINI, L. **In assenza di te**. Warner Music Italy, 1996. [Letra disponível em: <https://www.vagalume.com.br/laura-pausini/in-assenz-di-te-traducao.html>].
- PAUSINI, L. **Io sì**. Warner Music Italy, 2020. [Letra disponível em: <https://www.vagalume.com.br/laura-pausini/io-si-seen.html>].
- PAUSINI, L. **La solitudine**. Warner Music Italy, 1993. [Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/laura-pausini/30269/>].

PAUSINI, L. **E Ritorno Da Te**. In: The Best of Laura Pausini: E Ritorno Da Te (Edição Platina Brasil). [S.l.]: Warner Music, 2001. [Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/laura-pausini/30285/>].

PAUSINI, L; MINOGUE, K. **Limpido**. [S. l.]: Warner Music, 2013. 1 faixa digital (4 min 3 s). [Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/laura-pausini/limpido-feat-kylie-minogue/traducao.html>].

PAUSINI, L. **Invece no**. [S. l.]: Warner Music, 2008. 1 faixa digital (3 min 55 s). [Letra disponível em: <https://www.vagalume.com.br/laura-pausini/invece-no.html>].

PAUSINI, L. **Spaccacuore**. [S. l.]: Warner Music, 2006. 1 faixa digital (4 min 11 s). [Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/laura-pausini/810037/>].

PAUSINI, L. **Incancellabile**. In: PAUSINI, Laura. Le cose che vivi. [S. l.]: CGD East West, 1996. 1 disco sonoro. Faixa 1. [Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/laura-pausini/30264/>].

PAUSINI, L. **Scatola**. In: PAUSINI, Laura. Laura Pausini – Piacere di conoscerti. [S. l.]: Warner Music Italy, 2022. 1 arquivo digital (streaming). Faixa única. [Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/laura-pausini/scatola/>].





REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025

<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

5 – MANDALAS – A ARTE DE CENTRAR-SE - O LIVRO -

Celeste Carneiro*



*A todos os que Me oferecem o coração, Eu sou a ciência do discernimento e intuição, para chegarem até Mim.
Residindo no centro das suas almas, faço-os sentir a Minha misericórdia,
o Meu Amor, e espalho dali os raios do verdadeiro conhecimento, cuja luz dissipa
as trevas oriundas da ignorância.
(Bhagavad Gîtâ – A mensagem do Mestre)*

Durante 25 anos lecionei sobre mandalas, levando os ensinamentos desta arte milenar para os mais diversos lugares e as mais diferentes pessoas.

Hoje lanço o livro **Mandalas – A arte de centrar-se**, que pode servir como roteiro do

curso lecionado, de modo a facilitar a aprendizagem e aplicação para aqueles que desejam o autoconhecimento, criar mandalas artísticas e decorativas, conhecer sobre a Geometria Sagrada, vivenciar o Sagrado em si mesmo e aplicar o uso de mandalas nas mais diversas áreas profissionais.

* **Celeste Carneiro** – Especialista em Arteterapia Junguiana – UBAAT – 04/0035/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT: E – 201740 (IJBA – Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólon). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP, 1974). Professora e Supervisora em cursos de Arteterapia e de Psicologia Transpessoal. Escritora e editora. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e da Associação Luso-brasileira de Transpessoal – ALUBRAT. Membro da ATI – Asociación Transpersonal Iberoamericana. Contato: artezen.org - revistatransdisciplinar.com - edtransdisciplinar@gmail.com - editoratransdisciplinar.com +55 71 99919-0880 Salvador-Bahia-Brasil.

INTRODUÇÃO – Minha trilha

No início da década de setenta do séc. XX tive contato com a sabedoria milenar do mandala. Naquela época estudava Belas Artes (hoje chamada Arte Visuais) em São Paulo e tinha amizade com pessoas espiritualistas. Havia muito pouco material sobre o tema. A *Revista Planeta* publicava algumas matérias sobre Jung e sobre a cultura indiana, e mostrava imagens de mandalas que me encantavam.

Em 1975 visitei a exposição dos trabalhos produzidos pelos pacientes de Nise da Silveira, no MASP (Museu de Artes de São Paulo), comemorando os 100 anos de nascimento de Carl G. Jung. Foi uma exposição que me deixou bastante impressionada ao ver a espontaneidade com que os enfermos mentais pintavam mandalas, todas elas muito interessantes quanto às formas, cores, movimentos... Daí então fiquei motivada a ler o que encontrava sobre mandalas e Psicologia Junguiana.

Praticante de Meditação desde a adolescência, tinha percepções extra-sensoriais, sendo que uma delas, percebida no final da década de 1980, apresentava um esquema da evolução do ser humano em forma de mandala, que descrevo no livro *Arte, Neurociência e Transcendência*, publicado pela WAK, em 2010.

Na época desta percepção (no final da década de 1980) já residindo em Salvador (BA), na Mansão do Caminho, recebemos a visita do espiritualista Trigueirinho, acompanhado da psicóloga Ruth Brasil Mesquita, que chegaram até a Sala de Artes, onde eu trabalhava, no momento em que estava concluindo o desenho percebido durante a meditação. Expliquei minha percepção para eles.

Trigueirinho não me falou nada, mas, meses depois recebi pelos Correios o livro enviado por ele: *Teoria e Prática da Mandala*, de Giuseppe Tucci (1988). Fiquei exultante! Foi o meu primeiro livro de mandalas.

Em 1992, criei o curso Criatividade e Cérebro – um jeito de fazer Artezen (então com o nome *DLADIC – Desenvolvimento do Lado Direito do Cérebro – Desenhe com o lado direito do cérebro e descubra o artista que você é!*). Nesse curso, de vez em quando sugeria que

os alunos desenhassem mandalas sob a minha orientação e informava do ganho com a sua prática, não só de efeito tranquilizador como um meio de tornar a memória mais ativa.

Em 1995 adquiri o livro de Rüdiger Dahlke, *Mandalas – Formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina* (3ª, 1993). Usava xerox dos seus desenhos para dar aos alunos para pintarem. Com isso, ia me surpreendendo com o depoimento das pessoas e criando novas formas de uso desses desenhos.

Anos depois, em 1998, tomei conhecimento do trabalho da psicóloga Gislaine Maria D'Assumpção, fundadora do Instituto Renascer da Consciência, em Ravena – MG. Além da experiência própria, ela trazia como referência Tucci, Pennick, Jung, Arguelles, Kellog, Dahlke, Fincher e Matos. Muitos desses atuavam na área da Psicologia Transpessoal. Pouco tempo depois participei de um seminário no curso de Psicologia Transpessoal da UNIPAZ (Universidade da Paz), núcleo de Salvador–BA, onde Gislaine trabalhou com mandalas.

Após alguns anos, ainda na UNIPAZ, fui a um retiro em Brasília onde participei de uma vivência com Frieda Maria da Silva Sousa, aprendendo novas formas de se trabalhar com essa ferramenta de autoconhecimento.

Os livros da escritora Celina Fioravanti começaram a surgir, ricos de sugestões e ensinamentos relacionados à essa área e, com o passar do tempo, mais livros com conteúdo exclusivo sobre mandalas. Também começaram a aparecer ofertas de outros autores e assim o interesse das pessoas foram crescendo cada vez mais.

A partir de 2004 passei a dar o curso *Mandalas – a arte de centrar-se*, mais especificamente para os alunos das pós-graduações em Psicologia Transpessoal em que eu lecionava. Também dei seminários em Congressos, procurando levar aos alunos toda a experiência adquirida com os estudos e práticas envolvendo mandalas. Fiz um roteiro de tal modo que abrangesse as diversas áreas de atuação: Educação, Empresas e Organizações, Saúde, relacionamentos, autoconhecimento, espiritualidade.

De 2007 a 2017 dei aulas no curso de pós-graduação em Arteterapia Junguiana do IJBA – Instituto Junguiano da Bahia, e mandalas era o tema de um dos módulos.

A cada curso era acrescentado o que aprendíamos de novo, as ideias iam surgindo, aliado aos estudos mais recentes sobre o efeito da arte no cérebro, no comportamento, nas emoções.

Hoje, temos a colaboração da internet que divulga trabalhos belíssimos e textos enriquecedores, levando às pessoas o aprofundamento sobre o seu significado e como construir os mais diferentes tipos de mandalas, inclusive estampas em cartas muito bonitas, contendo mensagens esclarecedoras, coincidindo com o momento em que a pessoa vive. Elas funcionam como exercício de sincronicidade.

Usamos essas imagens no início das nossas aulas.

Neste livro apresentamos o passo a passo das aulas do curso de mandalas que ministramos ao longo desses 25 anos, (de 1992 a 2017) em diversos lugares e em alguns países.

Iniciamos com a teoria, falando sobre o ponto inicial e o encantamento que nos tem despertado a figura circular, desde as mais remotas civilizações até o momento presente. Seguimos falando sobre o Cosmos e nós, a Geometria Sagrada e sua presença em nossa vida; como trabalhar com ela em sala de aula para alunos do Ensino Fundamental; os ensinamentos da Índia e do Tibet. Com os grandes mestres, aprendemos sobre as rodas invisíveis que influenciam o nosso corpo e que são chamadas de chakras.

Voltando o olhar para o Ocidente, falamos um pouco sobre Carl Gustav Jung e Nise da Silveira, que nos apresentaram os estudos sobre esta arte milenar.

Com esses mestres, iniciamos a desvendar o simbolismo desses desenhos fazendo a leitura do que criamos, assim como a criação dos nossos clientes e alunos, com a participação inicial deles. Em seguida, entramos na abordagem Transpessoal e falamos sobre as Matrizes Perinatais trazidas pelo psiquiatra Transpessoal Stanislav Grof, um dos criadores dessa abordagem, considerada a 4ª força da Psicologia.

Damos início, em seguida, ao curso propriamente dito: *Mandalas – a Arte de Centrar-se*, como nós ministramos durante treze anos ininterruptos, de 2004 até 2017.

No capítulo 13 iniciamos os preparativos para o processo, em seguida trabalhamos com mandala em grupo, depois a mandala do relacionamento, mandalas com diversos recursos, mandalas para colorir, uso de letras e números, recriando mandalas, mandala tridimensional, mandala de recorte, os padrões repetitivos, outras formas de se trabalhar com mandalas (com velas, olho de Deus, mandala da terra), mandala como oráculo, mandala da escuridão, Geometria Sagrada, e concluímos com o capítulo *As Bem-aventuranças no processo de individuação*.

Disponibilizamos alguns desenhos para serem usados pelos leitores em suas práticas, esperando que encontrem facilidade para usá-los.

Espero, com este livro, ter contribuído para o crescimento pessoal dos buscadores e divulgadores dos recursos para um mundo melhor.

Para adquirir este livro, entre em contato com a Editora Transdisciplinar:



WhatsApp: +55 71 99919-0880
edtransdisciplinar@gmail.com
editoratransdisciplinar.com



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

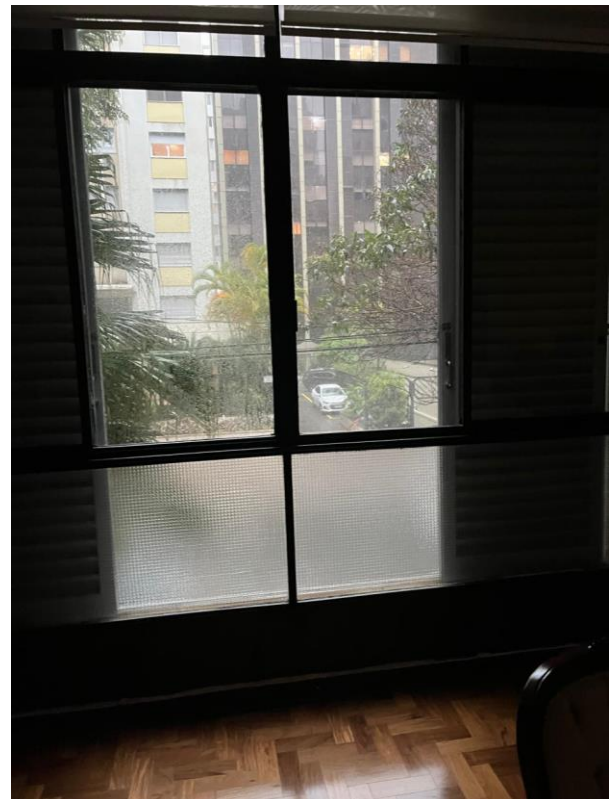
Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

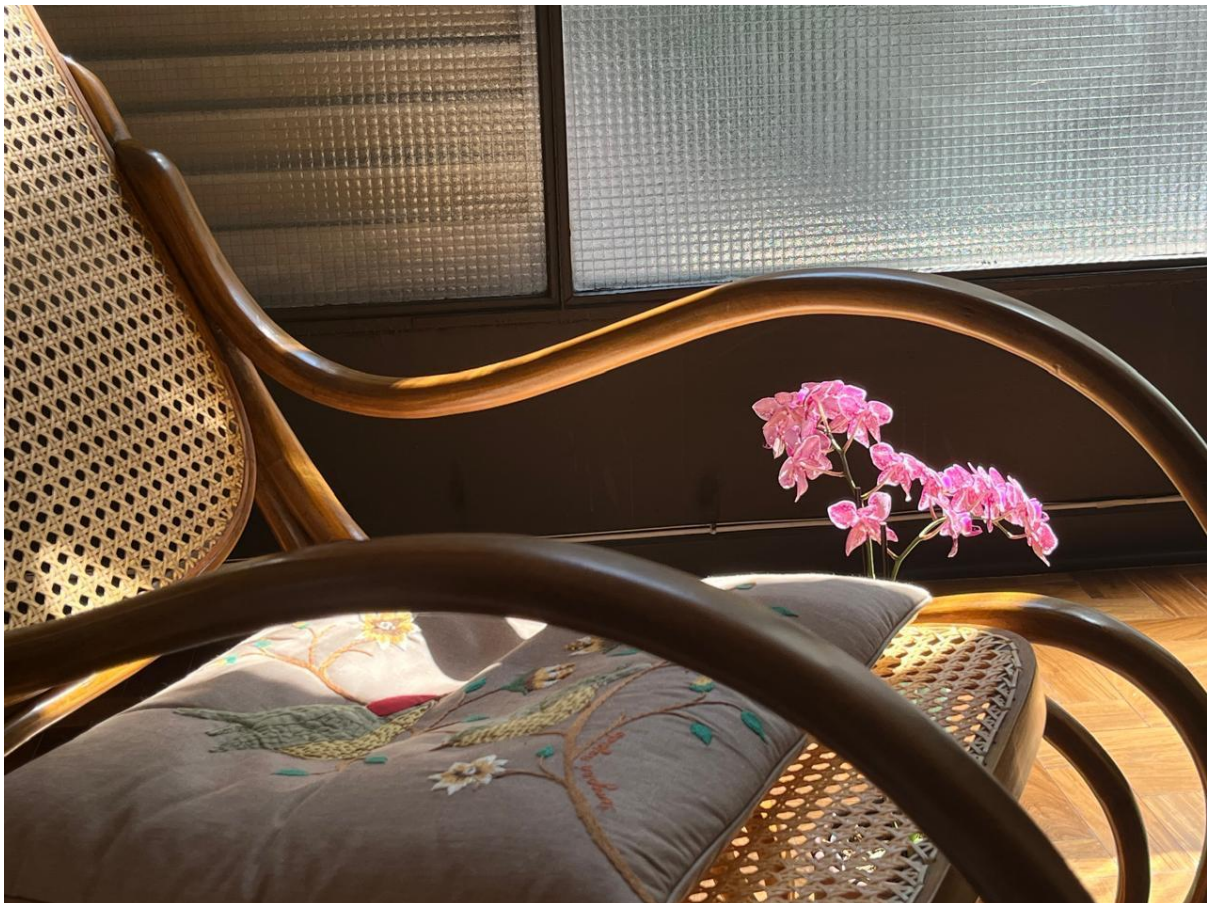
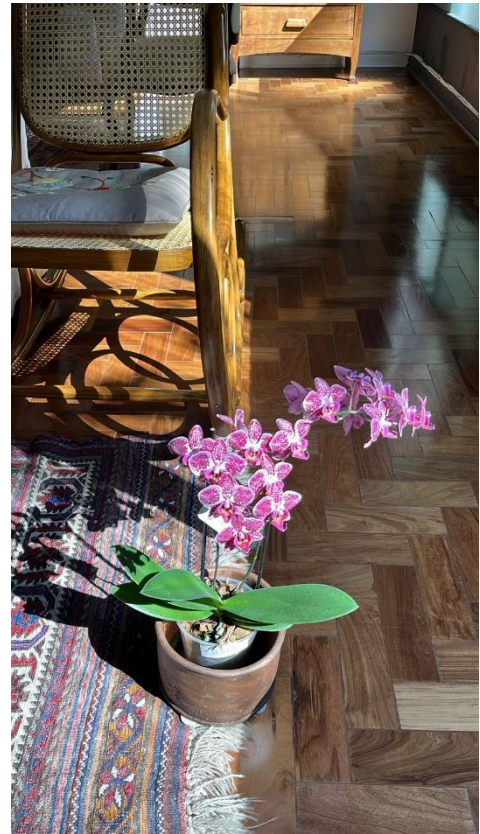
ISSN 2317-8612
www.artezen.org

6 – FOTOGRAFIAS: A Sensibilidade no olhar

Gilmar Carneiro*



* **Gilmar Carneiro**, formado em Administração de Empresas pela FGV-SP, com larga experiência em relações humanas, negociações, estruturação de novos negócios, particularmente em comunicação. Atuou na área internacional e no Brasil, por vários anos atuou no movimento sindical, inclusive sendo representante no Conselho de Administração do BNDES por quatro anos. Aposentado e com doença de Parkinson, mantém diálogos com as redes sociais.







Pequenas coisas que passam em nossa vida e, muitas vezes, não damos importância...
mas, com o tempo elas voltam à lembrança.

As flores e os caminhos, as músicas e as roupas que vestimos
ou que gostaríamos de ter vestido.

As pessoas, os colegas, os parentes e amigos...
alguns ficarão a vida toda nas nossas lembranças.

As flores e as músicas são as mais acessíveis.
Mesmo que não passem de lembranças.



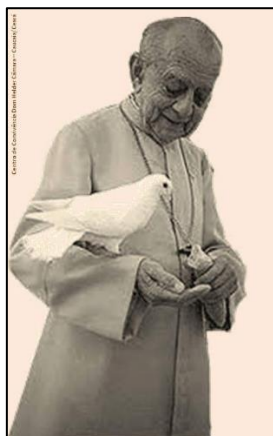
REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 26 – Ano 13 – Nº 26 – 2º semestre/2025
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

7 – O SAGRADO



Filho de Rei

Dom Hélder Câmara*

Senhor,
 não há esbanjamento na criação?
 Os frutos não compensam
 o desperdício das sementes.
 As fontes espalham
 excessos de água.
 O sol derrama
 dilúvios de luz.

Que a tua magnanimidade

me ensine grandeza d'alma.
 Que a tua magnificência
 me livre de ser pequenino.
 Que te vendo pródigo,
 - generoso e bom -
 eu dê sem contar,
 sem medir,
 como filho de Rei,
 como filho de Deus!

(Poema no livro
O Deserto é Fértil)

* **Dom Hélder Câmara** (1909-1999) foi um arcebispo brasileiro conhecido por sua defesa dos direitos humanos, especialmente durante a ditadura militar, e por seu trabalho voltado para os mais pobres.

O Deserto é Fértil, publicado em 1976 (Civilização Brasileira). Encontra-se esgotado, disponível na internet.



ORAÇÃO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Senhor, fazei de mim um instrumento da Vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.

Onde houver erro, que eu leve a verdade.

Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais:

consolar, que ser consolado;

compreender, que ser compreendido;

amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe.

É perdoando que se é perdoado.

E é morrendo que se vive para a vida eterna.

São Francisco de Assis - (batizado como Giovanni di Pietro di Bernardone; Assis, 1181 ou 1182 — 3 de outubro de 1226), foi um frade católico nascido na atual Itália. Depois de uma juventude irrequieta e mundana, voltou-se para uma vida religiosa de completa pobreza, fundando a ordem mendicante dos Frades Menores, mais conhecidos como Franciscanos, que renovaram o Catolicismo de seu tempo. (Wikipédia)